

feminine
fatal
ATLANTA
IDEAL
AIONE
SIMÕES





A FILHA IDEAL

AIONE
SIMÕES

Copyright © 2020 Aione Simões

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes — tangíveis ou intangíveis — sem autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

∞

Capa **Lola Salgado**

Edição **Mariana Dal Chico e Alba Milena | Increasy Consultoria Literária**

Revisão **Clara Alves e Clara Savelli**

Diagramação **Clara Alves**

Músicas

- “Esse Meu Coração”, “Não Adianta Chorar” e “Nosso Mundo” —

Aione Simões

- “Identidade” e “Outra Vez” — **Aione Simões e Flávio Gerab**

Aione Simões é autora agenciada pela Increasy Consultoria Literária. Para mais informações sobre seus trabalhos entrar em contato no contato@increasy.com.br.



Esse Meu Coração

Composição: Juca Rocha e Eloah Dias / Intérprete: Yasmin

Ah, esse meu coração
Que só sabe sonhar
Com o dia que vai te encontrar
Esse meu coração
Que já pulou, já correu
Não desiste de te procurar

Porque em cada batida
Resiste um abrigo
Um lugar que me diz pra continuar
Uma esperança
De que você também me espera
E deseja
Esse meu coração

Esse meu coração
Já chorou, já sofreu
Mas não se gasta
Nem desgosta

Porque em cada batida
Resiste um abrigo
Um lugar que me diz pra continuar
Uma esperança
De que você também me espera
E deseja
Esse meu coração

A Filha Ideal: saiba mais sobre Yasmin, a queridinha do Brasil, e seu novo contrato

por Fábio Alcântara

Um brasileiro que não associa o nome Yasmin à adorável cantora pop que encanta gerações desde sua infância deve viver no mundo da Lua. Hoje com 23 anos, não é de agora que a jovem é uma das personalidades de maior destaque na mídia, tornando desnecessário o uso de qualquer sobrenome. Com uma carreira iniciada aos quatro anos de idade, Yasmin aperfeiçoou seu talento e conquistou o público com seu jeitinho meigo de ser. Filha de Almir Abdala, o “Sultão” da indústria da música, acredita que ter sido representada desde pequena pelo pai influenciou positivamente seu desenvolvimento como cantora, já que pôde focar exclusivamente em sua voz, tranquila de que estaria sendo cuidada por alguém que zelasse por seus bens.

De fato, Almir continua sendo o empresário da filha mesmo após o abalo sofrido pela Ágrah, agora representada por Jafé Santiago, co-fundador da empresa. Abdala foi forçado a vender sua parte no negócio idealizado por ele depois de um investimento malsucedido na bolsa de valores, precisando abrir mão de seus clientes — exceto da filha, a menina dos olhos da Ágrah. E a sorte parece estar virando mais uma vez a favor do empresário: Yasmin acaba de assinar um contrato milionário com a Angel, marca de roupa americana interessada em expandir seus negócios no Brasil.

Quando questionada sobre a sensação de ter sido escolhida para ser a cara da Angel, Yasmin afirmou que se sente muito feliz pelo convite e, acima de tudo, capaz de honrar o compromisso, uma vez que compartilha os valores da Angel sobre elegância e discrição — o que podemos confirmar na aparência sempre sóbria da cantora.

Seja pela ausência de escândalos, seja por salvar a pele do próprio pai, Yasmin merece, sem dúvida alguma, o título de A Filha Ideal. Afinal, que pai não adoraria ter uma filha cujo rosto, voz e comportamento angelicais a tornaram a queridinha do Brasil?

15 de setembro de 2019

Querido diário,

Acho que é assim que se espera que alguém comece um diário, não é? Ainda mais uma garota como eu.

Na verdade, nunca me vi como alguém que tem um diário. Porém, de uns tempos para cá, tem se tornado frequente eu me pegar rabiscando palavras soltas, tentando transformar sentimentos incômodos em algo um pouco mais concreto. A verdade é que passei a sentir quase que um desespero para expressar alguma coisa, seja lá o que ela for, e tem sido um alívio ouvir o som do atrito entre a caneta e o papel, que só aumenta ao olhar para as páginas e reconhecer, nos contornos de cada letra, os nós que estavam em minha garganta. É como se eles ainda fossem meus, mas não mais pertencessem a mim. Hoje, tive vontade de algo mais coerente do que um esboço de desabafo, e fez sentido começar esse diário.

Na verdade, parecia mais uma questão de sobrevivência. Uma forma de não sufocar.

Assim que li as palavras “a filha ideal” na matéria da Fapes, um zumbido começou a crescer em meus ouvidos. Eu acredito que cada som conte uma história. Se o ruído da escrita tem me contado uma história de alívio e desabafo, o apito crescente no meu tímpano me contou sobre aprisionamento.

Um filme passou em minha cabeça, cada lembrança confirmando minha mais recente alcunha: minhas notas perfeitas, minha obediência exemplar, meu jeito sempre meigo e sereno não só com o público, mas com qualquer pessoa que tenha contato comigo. Fui ensinada a não perder o controle, cresci ouvindo que é errado não seguir as regras.

E eu aprendi tão bem, que não consegui começar esse texto de outro jeito que não “Querido diário”.

Mas quer saber? Eu não preciso seguir essa convenção também, posso ter um diário, caderno de notas ou qualquer coisa, o nome em si não importa de verdade, desde que seja aos meus próprios moldes. Pelo menos isso, esse poder de definir como essa dinâmica vai ser, eu preciso ter.

Porque nada na minha vida está em minhas mãos.

Nunca esteve.

E só agora estou me dando conta disso.

Minha carreira é rigorosamente supervisionada por meu pai. A imagem que eu transmito é uma construção. As músicas que eu canto são escritas por outras pessoas. Será que alguma vez minha voz disse o que eu queria dizer?

Será que eu sei o que quero dizer?

Talvez eu nunca tenha me preocupado com isso quando era menor, porque estava mais interessada em me divertir. Não que não fosse um trabalho árduo, isso sempre foi, mas eu gostava de estar sob os holofotes, reproduzindo as letras e melodias que me pediam para cantar. Eu já tinha uma conexão com a música desde então — se não tivesse, meu pai jamais teria apostado em meu talento —, então bastava me deixar levar pelo ritmo.

Mas aí veio a gravação do meu último álbum e eu simplesmente... Não consegui me sentir animada. As letras das músicas me soaram rasas, quase infantis. Por mais jovem que eu seja, não me sinto mais como criança. Ainda que eu tenha dificuldade em me enxergar como mulher.

Por que minhas músicas não cresceram comigo?

Não consegui mais tirar essa pergunta da cabeça.

Em um ímpeto de coragem, já que sempre tive dificuldade em me abrir com papai, tentei explicar isso para ele, especialmente quando deu todo o problema com a Ágrah. Se estávamos passando por transformações, se o grande Sultão estava perdendo seu império, por que não recomeçar? Por que não apostar no novo? Ele hesitou, até porque era a primeira vez na minha vida que eu desabafava assim com ele, mas pareceu inclinado a considerar.

Quando penso naquele instante, em que havia a possibilidade de as coisas serem diferentes, me sinto tão cheia de vida que não sei como não percebi antes o quanto sempre agi como um zumbi. Ali, se papai tivesse me perguntado o que eu gostaria de fazer de diferente, eu não saberia responder — ainda não sei. Mas eu precisava da mudança, da oportunidade de sair da minha zona de conforto — ainda preciso. Se o desconhecido causa medo para muitas pessoas, para mim, ele tem sido um ímã.

Então veio a proposta da Angel, e aquilo que pareceu um prenúncio divino para todos virou meu purgatório particular.

Por que Jafé tinha que se intrometer? Dane-se que ele agora é o detentor principal das ações da Ágrah. Foi por culpa dele que papai mudou de ideia. Ele quem o convenceu de que mudar meu perfil era uma ideia arriscada. Que mudar seria quase como traí-lo, o que poderia arruinar as coisas ainda mais. Especialmente agora. No próximo ano completo vinte anos

de carreira e, além disso, nenhum de nós poderia se dar ao luxo de perder a proposta tentadora da Angel. Se eu mudasse minha imagem, eu não seria mais a melhor representante para a marca.

Meu pai concordou com Jafé.

E eu fui obrigada a aceitar.

Essa é uma das coisas que mais me deixam maluca. Porque, por mais que eu queira tanto mudar que até me dói, não consigo colocar minha vontade como prioridade.

Como fazer isso? Como me rebelar contra quem fez tudo por mim desde que me entendo por gente? Como recusar, por um capricho meu, aquilo que pode devolver ao meu pai o sonho de sua vida inteira? E, afinal, o que é que eu sei, comparada aos dois?

Mas como continuar presa a uma mentira?

Aliás, posso chamar isso de mentira?

Porque eu sou a filha ideal. Eu sou tudo aquilo que a Faces disse. Se eu fiz essas coisas, se é assim que eu me porto, se foram aquelas palavras da matéria as que saíram da minha boca, essa é a verdade que existe no mundo, não é?

Então por que tudo me parece tão errado?

Eu odeio pensar que todo mundo me conhece, enquanto eu mesma não faço a menor ideia de quem sou. Mais do que tudo, odeio o fato de estar perdendo a vontade de cantar, o que, até então, sempre foi o que mais amei na vida.

Outra prova de que não sou mais a mesma.

Amanhã tenho uma reunião na Angel para repassar alguns dos pontos do contrato e preciso estar no controle de mim mesma para não explodir.

E mais importante do que não explodir amanhã é não sufocar esta noite.

CONTRATO DE PUBLICIDADE

Pelo presente CONTRATO DE PUBLICIDADE, doravante designado apenas "CONTRATO", de um lado **ÁGRAH LTDA.**, que representa **YASMIN DOS SANTOS ABDALA**, brasileira, solteira, doravante designado simplesmente **ARTISTA**, e do outro **ANGEL LLC**, empresa devidamente constituída, com sede nos EUA, doravante designada simplesmente **MARCA**, têm justo e acertado pelas cláusulas e condições seguintes:

Cláusula 1ª: *DAS OBRIGAÇÕES DA ARTISTA*

I. Divulgar as peças da **MARCA** nos eventos designados por ela;

II. Participar de campanhas publicitárias previamente estipuladas por acordo e definidas na CLÁUSULA 3ª deste contrato;

III. Não se envolver em quaisquer tipos de escândalos na mídia, especialmente os de cunho sexual ou que possam resultar em calúnia para a **ARTISTA**;

IV. Não utilizar em eventos, entrevistas, redes sociais ou qualquer outro meio em que haja exposição e contato com público quaisquer peças de roupas que contribuam para uma imagem sexualizada da **ARTISTA** enquanto representar a **MARCA**, quando não for solicitado que utilize a **MARCA**;

V. Não utilizar palavreado de baixo calão em eventos, entrevistas, redes sociais ou qualquer outro meio em que haja exposição e contato com

público quaisquer enquanto representar a **MARCA**;

VI. Não fazer aparições na mídia e em redes sociais consumindo ou deixando subentendido o consumo de cerveja. Outras bebidas, como vinhos e coquetéis, são permitidas, desde que não infrinjam o inciso VII desta CLÁUSULA;

VII. Não fazer aparições na mídia e em redes sociais em estado de embriaguez;

VIII.

IX.

X.

16 de setembro de 2019

Começar este diário foi a melhor coisa que já fiz. Ontem, depois de colocar o último ponto final, finalmente senti como se tivessem retirado a pressão no meu peito. Enquanto eu escrevia, era quase como se pudesse ouvir o aperto se dissolvendo e escorrendo com a tinta para as páginas, como um antiácido em água. É o papel agora quem tem que carregar o peso que era meu.

Quando terminei, senti um vazio — mas não daqueles tristes. Era mais como se eu tivesse entrado no automático ou como se tivesse me tornado apenas meu corpo, um conjunto de órgãos ativos, mas sem emoções. Então pude me levantar, tomar banho e dormir um sono sem sonhos por toda a noite.

Era tudo de que eu precisava.

Não fosse isso, não sei como teria suportado a reunião com a Angel. Cada cláusula daquele contrato parecia uma unha arranhando um quadro negro — ao longo de duas horas. Não sei o que foi pior: o advogado deles reforçando que seguir as minhas obrigações não seria difícil, considerando como sou “uma boa moça”, ou a ameaça implícita em cada palavra naquela sala de que eu poderia perder muito mais do que o contrato se quebrasse uma daquelas imposições.

Não sei se essas palavras teriam me incomodado meses atrás, mas agora elas despertaram uma irritação sem igual. Cheguei ao ponto de pensar que tive sorte de ter sido muito bem treinada para manter o autocontrole, senão eu jamais teria conseguido conter as bufadas e respostas mal-educadas que eu queria dar.

O problema não é eu ser uma “boa moça”, mas eu ainda não tinha me dado conta da diferença que faz ser uma “boa moça” e uma “moça boa”. Ninguém ali estava falando sobre eu ser uma boa pessoa com o próximo, em fazer o bem — tinha muito mais a ver com submissão, a meu pai e a regras impostas, tinha a ver com como me visto ou como me porto socialmente. Por que raios são esses os valores para me fazer “boa”? Se eu me sentisse bonita usando uma roupa mais provocante, eu não mereceria mais ser chamada assim?

E pensar que o que está em jogo, caso eu mude minha conduta, vai muito além do meu contrato só aumentou minha indignação. Afinal, estou bem ciente disso. Tenho inúmeros exemplos por aí, lembrados por meu pai a

todo instante em seu discurso de “é por isso que você deve se comportar”.

Britney Spears. Lindsay Lohan. Miley Cyrus. Demi Lovato.

Quando se é mulher, não existe a possibilidade de errar, surtar, adoecer. A Britney, por exemplo, briga até hoje com o pai para conseguir o controle dos próprios bens. Eu entenderia esse desdobramento, se ela tivesse matado o cônjuge e dado o corpo para os cachorros comerem, mas será que as consequências precisavam ser tão duras? Será que ela seria considerada assim tão surtada e incapaz se fosse homem? Quando penso que o homem que, de fato, fez da esposa ração para cachorros está agora retornando para a antiga carreira — com direito a fãs e tudo! — como se nada tivesse acontecido, essa minha impressão ganha ainda mais peso.

Desnecessário dizer que saí da reunião possesso.

Durante o caminho de volta, enquanto as janelas blindadas do carro abafavam os ruídos da cidade, tentei me lembrar que, no fim das contas, eu concordei com o contrato. Eu sabia que seria assim, então não adiantava me revoltar contra ele. Mais do que isso, antes o problema fosse exclusivo com a Angel, e não uma construção social tão antiga.

Cheguei a me perguntar se, aceitando ser a cara da marca, eu não estaria de alguma forma reforçando a ideia de categorizar mulheres como boas ou más. Contudo, apesar do que o nome indica, ela não faz nenhuma campanha aberta sobre isso, só fala sobre o estilo elegante e discreto de suas peças — o julgamento que define mulheres que se identificam com esse estilo como superiores não vem da marca.

Mas, cá entre nós, eles não seriam estúpidos de fazer esse tipo de julgamento, única e exclusivamente porque o lema *Girl Power* está em alta — e vende. Se a marca fizesse esse tipo de distinção entre mulheres, seria massacrada por seu público, mesmo que encontrasse quem concordasse com a ideia. Quando o dinheiro é o que fala mais alto, é mais importante vender, mesmo que isso não corresponda ao que se acredita.

Exatamente como o que está acontecendo comigo — ironia das ironias.

Quando penso na agitação das ruas fora da limusine do meu pai, na cacofonia das buzinas, freios e conversas, não consigo me sentir parte daquilo, nem negar a vontade de que minha vida fosse diferente — e tenho noção do quão absurdo isso soa. Com tanta gente com o mínimo para sobreviver, meus problemas de “pobre menina rica” beiram o patético. Ainda assim, era o que eu queria.

Não estar em um carro de luxo, ser a motorista... Eu queria uma vida comum, podendo entrar em um estabelecimento sem ser tratada como uma divindade. Por mais que eu adore o carinho dos fãs, quando eles chegam até mim com o tom de voz dez oitavas acima do normal, eu não sinto a mim mesma. É como se eles me transformassem em algo feito de ouro e pedrarias, e não de coração, músculos e ossos, como eles próprios.

Eu quero a sensação de ser anônima, nem que seja só por uma noite. E acho que sei como posso conseguir.

Ao pararmos em um semáforo, meu olho bateu em um bar que costumo observar, por fazer parte do meu caminho para casa. Está sempre movimentado, não importa se é fim de tarde ou começo da madrugada. Porém, como dessa vez ele ainda estava fechado, consegui prestar mais atenção na placa que costuma anunciar as atrações da semana. E, ao que tudo indica, eles têm um show de talentos. Na próxima quinta.

Quando li essas palavras...

Foi como se alguma coisa dentro de mim tivesse despertado e me deixado inquieta. Descobrir esse show bem agora, em meio a todo esse tumulto de emoções... Não seria um sinal?

Estou pensando a respeito desde então e, cada vez mais, tenho certeza de que eu quero estar lá.

Se eu me disfarçar, colocar roupas e maquiagens diferentes do que uso, se colocar uma peruca... É possível! Não é?

É óbvio que não posso participar, minha voz me entregaria. Mas quero estar lá como espectadora, ao menos uma vez. Quero ser alguém que foi curtir a noite e apoiar o talento das outras pessoas. Não quero me lembrar de que tenho um talento e que ele é minha sina, seja minha sorte, seja minha prisão.

Yasmin apaga foto no Instagram e reposta com outra legenda

por Nádia Luz em 17/09/2019 16h47

Yasmin atualizou hoje seu Instagram, o que por si só não é nenhuma grande notícia, já que a cantora felizmente nos mantém bem atualizados com sua rotina, postando regularmente selfies, bastidores de shows, ensaios e gravações, além do seu dia a dia que a gente a-d-o-r-a acompanhar. Quem não ama aquele quarto dos sonhos dela, quase que uma casinha particular dentro da sua casona? Pois é, na foto de hoje Yasmin apareceu encostada em sua varanda de vidro, olhando para o gramado do quintal na parte de fora.

A grande questão é que essa foto veio acompanhada de uma legenda diferente para os padrões da nossa princesa, em um tom até meio melancólico e que deixou a imagem com essa mesma vibe. Ela escreveu: “Quem você gostaria de ser se pudesse escolher?” É claro que na mesma hora os fãs começaram a comentar, alguns respondendo à pergunta, outros demonstrando surpresa, além daqueles que, com certeza, não leram o que ela escreveu e já saíram disparando elogios — quem nunca, não é?

Então, instantes após a postagem, a foto misteriosamente sumiu, apenas para reaparecer novamente dez minutos depois com uma legenda totalmente diferente e muito mais a cara dela: “Tão bom ter um cantinho para chamar de nosso ♥. Qual seu lugar favorito no mundo?” Por que será que Yasmin mudou de ideia?

Perdeu essa tour? Não tem problema, a gente tirou print do post original antes de ele ser apagado — nossa equipe sempre preparadíssima! — e inserimos a postagem atual para vocês poderem conferir com os próprios olhos!

18 de setembro de 2019

Não acredito que vou mesmo fazer isso.

O show de talentos é amanhã e, graças ao poder do meu cartão de crédito, não foi difícil encontrar on-line tudo de que eu precisava — e com entrega expressa. Agora, tenho escondido aqui no meu quarto uma roupa que eu jamais sonharia em usar e uma peruca loira tão real que, quando coloquei, fiquei alguns instantes me encarando no espelho, tentando ajustar a imagem que eu via à noção de que era meu próprio reflexo.

Amanhã, enquanto meu pai achar que estou em meu quarto, que deitei mais cedo do que o costume por uma dor de cabeça, estarei lá fora, no mundo, talvez como alguém mais real do que um dia já fui. Em partes, nem preciso me sentir mal por estar mentindo: na verdade, vou mesmo deixar a Yasmin em meu quarto.

Pela maneira como me encarou hoje quando o pacote com as roupas e peruca chegou, Roger ainda acha a ideia arriscada. Adoraria manter tudo isso em completo sigilo, mas essa não é uma possibilidade quando se mora em uma casa vigiada 24 horas por dia e quando qualquer encomenda recebida passa por uma vistoria de segurança. Então, se é para compartilhar o plano com alguém, que seja com meu assistente pessoal — e meu melhor amigo.

Roger começou a trabalhar para papai um pouco antes de eu completar quinze anos. Ele é dez anos mais velho que eu e, na época, era recém-formado em administração. A mãe dele conhecia um dos funcionários da Ágrah, que o recomendou. Acho que ele jamais havia imaginado que trabalharia com uma adolescente, mas nós nos demos muito bem desde o começo. Todas as vezes que eu voltava para casa chateada na época do colégio — o que vivia acontecendo — era ele quem me dava forças. Era muito difícil fazer amizades sinceras, encontrar quem quisesse ser *meu* amigo e não da Yasmin. Outro problema frequente era ser alvo de críticas maldosas por pura tentativa de me diminuírem para que as pessoas se sentissem melhor, como se eu fosse culpada por ser famosa desde pequena.

As dificuldades da minha vida de pobre menina rica.

De qualquer forma, existe uma solidão muito grande no lugar que ocupo e Roger não apenas percebeu isso, como preencheu muito mais do que a vaga para o qual foi contratado. Tudo bem, confesso que, no começo, tive uma quedinha por ele. Em minha defesa, eu era apaixonada pelo Daniel Radcliffe e ele fazia todo o estilo Harry Potter com os óculos redondos que

usava, e que hoje trocou por lentes de contato. E o que era mais importante: ao conversar comigo, sua voz me contava uma história de conforto.

Lembro até hoje, infelizmente, do meu vergonhoso, e único, episódio de embriaguez adolescente, que definitivamente mudou a dinâmica entre a gente.

Eu tinha sido convidada para a festa de quinze anos de uma das garotas do colégio. Meu pai só me deixou ir com a condição de que Roger pudesse me acompanhar e evitar que eu fizesse qualquer besteira que me expusesse. Achei um exagero, mas, no fim das contas, teria sido exatamente o que aconteceria se ele não estivesse lá.

No começo da festa, eu estava ansiosa para me divertir e queria mais do que tudo me misturar entre os convidados, ser só mais uma garota daquela festa curtindo com os amigos. Mas é claro que isso não era possível, ninguém se sentia confortável perto de mim nem conseguia me tratar com sinceridade. Era quase como se eu fosse um ET.

Os pais da aniversariante foram bem rigorosos em não permitir bebidas alcóolicas entre os menores de idade, mas se existe alguém mais determinado em quebrar as regras do que um bando de adolescentes — ainda mais um bando de adolescentes ricos, que acham que podem tudo — eu desconheço. O ponto é que um dos garotos conseguiu uma garrafa de vodca e começou a distribuir para quem quisesse. Eu, que não queria ficar ainda mais de fora, fui tentar me enturmar e virei o copo como se estivesse acostumada.

Ainda me lembro do gosto da bebida queimando minha garganta e o estômago, mas entornei sem fazer cara feia e pedi mais, estimulada pelos gritos de viva e os burburinhos das risadas.

Não demorou para que eu estivesse mais torta do que a Torre de Pisa e, para minha alegria, Roger me encontrou e me tirou da festa antes que outras pessoas percebessem e vazassem fotos ou vídeos meus naquele estado.

Lembro de olhar para Roger no carro, no caminho de volta, e sentir como se ele fosse a única pessoa no mundo que se importasse de verdade comigo — por mais que eu saiba que meu pai me ama, sempre foi difícil separar a preocupação do pai da preocupação do empresário. Então, quando abri a janela e o vento passando pelas árvores em um farfalhar refrescou meu rosto, além das luzes da cidade lá fora me deixando mais tonta e com a sensação de estar vivendo algo fora da realidade, tive um impulso de coragem, como se eu fosse capaz de qualquer coisa naquele momento.

— Eu amo você, Roger — falei, as palavras saindo emboladas, mas

com uma emoção mais sincera do que qualquer outra coisa que eu tivesse sentido. — Você cuida de mim.

Vi que ele respirou fundo, preocupado em não tirar os olhos da rua. Quando paramos em um semáforo, Roger apenas abaixou a cabeça e continuou sem dizer nada.

O silêncio também conta uma história.

Comecei a me sentir constrangida, a euforia passando e me deixando consciente do que eu tinha acabado de fazer.

Porém, antes de ele virar na via que levava ao nosso condomínio, parou o carro em uma rua tranquila, desceu do banco do motorista e foi se sentar comigo no assento de trás.

— Eu não tô dizendo isso só por estar bêbada, mesmo que tenha ajudado — me apressei em explicar.

— Eu sei — falou com uma tranquilidade que eu viria a saber que é típica dele. — Eu percebo como às vezes você me olha e fica sem jeito perto de mim.

Abaixei a cabeça, envergonhada.

— Você é uma menina maravilhosa, Yasmin, e um dia vai se tornar uma mulher incrível. — Até aquele momento, eu ainda não tinha percebido o quanto havia um mundo de distância entre nós; afinal, meu mundo era o adolescente, o dele, o adulto. Na verdade, eu tinha percebido, mas me recusava a reconhecer, fantasiando que haveria uma forma de que nós dois pudéssemos ficar juntos. — Já contei pra você que tenho uma namorada?

Eu poderia ter ficado triste com a informação, mas não foi o que aconteceu. Enquanto Roger me entretinha, contando a história dos dois, como se conheceram e como ele gostava dela, algo em mim foi mudando — e não era só o efeito da bebida passando. Nunca vou saber se ele fez isso apenas para me distrair e me ajudar a chegar menos bêbada em casa. O que eu sei é que ali, naquele momento, começou uma amizade verdadeira. E o motivo foi além de ele ter compartilhado comigo algo pessoal.

Roger me fez sentir respeito por ele, porque, em momento algum, ele colocou minha fama na equação que não nos permitiria ficar juntos. Ele me tratou como um ser humano.

Depois de um tempo ouvindo a história de amor entre ele e aquela que hoje é sua esposa, ele voltou a ficar sério.

— Quero que você me prometa uma coisa, Yasmin. — E me aguardou assentir antes de continuar. — Quero que você me conte se mais

alguém for maldoso com você, como foram essa noite. Não se engane, aqueles garotos sabiam o que estavam fazendo quando te deram a bebida e não tinha a ver com querer se divertir com você. Eles queriam se divertir às suas custas.

Apesar do seu jeito tranquilo e da aparência calma, eu ouvi uma ferocidade por trás de suas palavras que me fez ter certeza de que Roger me protegeria e seria leal a mim, independentemente da situação. Ele me fez pensar em um tigre, guardando seu bando.

E eu fiquei mais feliz com essa oferta do que se ele tivesse me prometido o amor que eu achava que queria.

Empresária feminista combate desigualdade com exclusão

por Portal Notícias em 19/09/2019 12h03

No último mês, estourou na internet e plataformas de streaming o hit “Rebola” da, até então desconhecida, Mila Santana. O sucesso da cantora pode ser creditado à Cris Novaes, que a representa desde o ano passado.

A empresária chamou a atenção na indústria da música por trabalhar apenas com mulheres. Quando questionada a respeito, Novaes afirmou que “é um compromisso lutar pelo direito da mulher de assumir sua imagem no meio musical”, o que parece uma resposta um tanto quanto vaga, já que representar cantores do gênero masculino não a impediria de assumir sua causa.

Atitudes como essa são comuns entre os que se denominam ativistas, que constantemente combatem desigualdades com exclusão, quando o correto seria tratar a todos de maneira igual.

Duas perguntas ficam no ar: se Novaes aceitaria entre suas representantes as ditas “mulheres trans”, considerando-se que elas são originalmente homens, e se essa distinção entre possíveis clientes não seria fruto de um trauma passado, talvez uma relação amorosa que não tenha dado certo.

20 de setembro de 2019

Talvez eu devesse ter escrito 19 de setembro, porque ainda não dormi. Mas já passou da meia-noite, então o dia mudou.

Ok, nada disso é importante, mas a noite foi tão surreal que não sei por onde começar.

Hoje, mais do que qualquer outro dia, agradei por ter minha suíte no anexo da casa principal. Quando era mais nova, fiquei encantada com o quarto que a Rory, de *Gilmore Girls*, tinha na casa dos avós e enchi meu pai até ele concordar em me deixar fazer o mesmo.

E estou de novo desviando o assunto.

De qualquer maneira, só assim Roger pôde me ajudar com uma rota de fuga que não envolvesse passar pelo meu pai e, ao mesmo tempo, despistar os seguranças. O combinado foi que ele me buscaria de carro na varanda do anexo, já que ela dá para os fundos do terreno. Observo as câmeras daqui há muito tempo e sei que há um instante, quando elas se movem, que minha varanda fica sem vigilância — tempo suficiente para que eu entrasse pelo banco de trás e deitasse no chão. Aqui em casa, ninguém entra ou sai sem um rígido controle da guarita, e não existe a possibilidade de que eu saia sem meu pai ser avisado. É claro que, no geral, tenho o mínimo de poder para decidir aonde vou, além dos meus próprios horários. Porém, sempre preciso informar quando vou sair e para onde vou, mesmo que não peça permissão. E hoje eu não queria fazer isso.

Esperei Roger andar uns três quarteirões fora do condomínio antes de me levantar do chão do carro e me sentar no banco, gargalhando com a sensação de alívio por ter conseguido fugir sem ser descoberta. Roger me encarou pelo retrovisor, demonstrando que não era a favor do que estava fazendo, mas ainda assim incapaz de não estar ao meu lado. Sei que, se fôssemos descobertos, ele estaria arriscando o emprego, então estou ainda mais grata por sua lealdade.

Apesar de ser meu assistente, Roger não é meu motorista oficial, ainda que às vezes quebre um galho, e, por isso, trabalha com seu próprio carro — mais um alívio. Quando me deixou no bar, qualquer um que prestou atenção o suficiente em minha chegada deve ter suposto que eu estava descendo de um Uber, provavelmente da categoria Black. Ainda assim, nada tão chamativo quanto os carros blindados e luxuosos em que costumo andar com os motoristas de papai. Combinamos que ele me buscaria meia-noite e

meia, o que me daria tempo suficiente para aproveitar a noite sem me sentir tanto como a Cinderela.

Foi incrível entrar em um lugar sem ter todas as cabeças se virando para mim. Recebi um ou outro olhar de uns caras sentados no balcão, mas foram olhares de homens para uma mulher, não para uma celebridade. Mesmo sendo contra qualquer cara que se acha na obrigação de encarar uma mulher apenas para exercer seu papel de machão, senti um calor por estar sendo cobiçada como uma anônima, além de uma espécie de poder que me deixou desconcertada. Nunca tinha sentido aquilo antes.

Quando ainda estava em casa, terminando de me arrumar, e me encarei no espelho, as batidas do meu coração soando em meu ouvido me contaram que eu estava com medo — e ele não tinha nada a ver com ser ou não descoberta. O vestido preto e decotado ajustado nas curvas do meu corpo jamais seria uma escolha para o guarda-roupa Yasmin, e uma vozinha na minha cabeça gritava que eu não deveria usá-lo, como se estivesse fazendo algo muito errado.

Talvez tenha sido isso que me convenceu a realmente sair assim.

Procurei por uma mesa desocupada no fundo do bar, mas que ainda me deixasse com uma boa visão do palco. Assim que me sentei, liguei a câmera frontal do celular para checar, mais uma vez, se meu disfarce estava mesmo funcionando.

Meus olhos esfumados com sombra preta me encararam enigmáticos, de uma forma que nem eu sabia que eles poderiam ser. Pareciam ainda maiores e mais escuros e eram minha maior preocupação sobre o que poderia me entregar — as pessoas sempre comentam sobre meus olhos grandes. De qualquer forma, sei que a primeira coisa que me entregaria seria meu enorme cabelo preto, então, sob a peruca chanel loira, que penei para conseguir colocar escondendo os fios escuros, eu estava segura. Por fim, o batom vermelho vivo deu um contorno aos meus lábios que eu ainda não havia prestado atenção, já que costumo usar cores claras ou apenas um brilho labial. Tive vontade de sentir o desenho da minha boca com a ponta do dedo, hipnotizada não sei se pela imagem em si ou se pelo poder que a mulher do espelho fez crescer em mim, mas me contive, tendo noção do quão estranho seria fazer aquilo.

Quando coloquei o celular de volta na mesa, pude observar melhor o ambiente. O bar era um pouco diferente do que eu tinha pensado, mais iluminado e com pessoas um pouco mais velhas do que os jovens

universitários que eu tinha certeza que encontraria. Talvez, se eu estivesse ali como eu mesma, tivesse me sentido deslocada. Ainda é difícil me sentir como adulta, entender que é isso o que sou, especialmente quando vejo minhas fotos e aparições na mídia. Os comentários que as pessoas fazem sobre mim são sempre coisas como “Você é uma graça”, “Tão meiga!” e afins. Mas, hoje, com aquela sensação poderosa no peito, era como se eu estivesse no lugar certo. O burburinho amigável das conversas ao redor também me ajudou a relaxar.

Em um impulso, pedi por uma cerveja e segurei a vontade de gargalhar. Ali estava eu, quebrando mais uma regra — nesse caso, contratual —, e feliz pela liberdade de poder escolher o que beber sem me preocupar com o que poderiam pensar de mim.

Quando dei o primeiro gole, fiquei surpresa. Foi minha primeira vez com a bebida: meu pai sempre me disse que eu não gostaria, por ser muito amarga, e que não combinava comigo. Eu nunca questionei, sem imaginar que poderia gostar do amargor. Depois de ter ficado bêbada aos quinze anos, não repeti a experiência, ainda que beba socialmente vinho, champanhe ou drinks mais doces, mas a cerveja sempre deixei passar.

Nesse momento, uma voz desconhecida me fez pular da cadeira.

Uma mulher negra, de cabelos longos trançados, usando um blazer risca-de-giz por cima de um vestido pretinho básico, estava me perguntando se poderia se sentar comigo.

— As outras mesas já estão ocupadas.

Meu coração disparou no peito. Eu a reconheci na mesma hora.

De repente, era como se a cerveja tivesse gelado todo meu corpo, e meu êxtase de antes deu lugar a um medo que não me deixou respondê-la. Se alguém poderia me desmascarar ali e colocar toda a noite a perder, era aquela mulher. Não havia me preparado para a possibilidade de encontrar um conhecido; aquele show deveria ser mais popular do que eu supunha.

Na verdade, nós duas nunca nos encontramos pessoalmente, mas eu havia ouvido falar de Cris Novaes muito antes da Mila Santana ter estourado. Sendo filha de um empresário do ramo, sempre sei quem são os concorrentes de papai, e ele e Jafé já haviam comentado sobre ela. Uns dias atrás, perdi meu tempo lendo uma matéria machista e transfóbica sobre ela, mas, não fosse isso, talvez eu tivesse demorado mais para reconhecê-la ali, parada na minha frente.

— Uhm, me desculpe, você está esperando alguém?

— Não — finalmente consegui responder. — Pode sentar.

— Obrigada, eu realmente não estava com vontade de passar a noite em pé, mesmo que não tenha vindo de salto.

Na mesma hora olhei para baixo e vi seu tênis.

Eu não esperava aquela combinação.

— A melhor coisa que fiz por mim mesma foi deixar de lado essas convenções sobre o que devemos ou não vestir e passar a usar o que me deixa confortável — ela se explicou. Deve ter percebido a surpresa em meu rosto.

Gostei dela na mesma hora.

No começo, fiquei com receio de conversar, temendo que ela reconhecesse minha voz. Mas ela continuou me tratando como qualquer outra mulher, talvez pelo barulho ao nosso redor — ou talvez, por ela não reconhecer meu rosto, seu cérebro se recusou a assimilar a voz que ouvia àquela que ela com certeza conhecia.

— Maria — respondi quando ela perguntou meu nome.

Não resisti às ironias que ele representa: o mais comum dos nomes e a mais pura das mulheres.

Cris quis saber se eu estava ali para me apresentar e neguei na mesma hora. Disse que não tinha inclinação para a música, que só queria ver as apresentações. Ela assentiu, bebendo um gole da long neck que pediu para me acompanhar. Falou que trabalhava no meio e estava em busca de novos talentos.

Cris não disse nada além disso, não mencionou que era responsável pelo último hit do momento, e fiquei sem saber se, assim como eu, ela preferia o anonimato ou se apenas não gostava de se gabar. Tive a impressão de que era um misto das duas coisas.

Quanto mais a gente conversava, mais sua voz me contava uma história de força e de admiração.

Então as apresentações começaram, e nossa atenção se voltou diretamente para o palco.

Eu e ela acompanhávamos os cantores e trocávamos comentários na mesma sintonia, além de uma ou outra careta quando percebíamos a mais leve das desafinadas.

— Para quem não tem inclinação para a música, você tem um ótimo ouvido — ela observou. — Já pensou em trabalhar na área?

— Ainda estou pensando no que fazer. — E, de certa forma, fui sincera em minha resposta. Afinal, se eu não fosse a Yasmin, quem eu seria?

Uma batida mais do que conhecida me despertou. No palco, uma jovem ruiva se entregava ao ritmo doce de “Esse meu coração”, minha música de maior sucesso.

— A garota tem um bom timbre e sabe levar o ritmo — Cris comentou —, mas é uma pena que esteja tão esforçada em imitar a Yasmin.

Meu coração voltou a disparar, mas, dessa vez, curiosa pelo que Cris pensava de mim.

— Você não gosta dela?

— Da Yasmin? Não, não é isso. A Yasmin com certeza é uma excelente artista, só é uma pena que a limitem tanto. Continuam fazendo dela uma garotinha, sem darem a ela a chance de se descobrir como mulher e cantora. Tenho minhas dúvidas se ela percebe isso. De qualquer forma, se já não é bom imitar o estilo de alguém, o que denuncia uma falta de personalidade no palco, é ainda mais artificial fazer isso em relação a quem não tem um estilo próprio.

Meus olhos encheram de lágrimas com aquela percepção tão acurada sobre mim. Será que Cris era sensível o bastante para notar ou outras pessoas também percebiam o mesmo?

Antes fosse uma questão exclusiva às minhas apresentações no palco. Não tenho nem a liberdade de postar o que quero em minha própria conta do Instagram — essa semana sofri até um boicote da minha assessoria de imprensa, que não achou a postagem que fiz típica de mim.

De repente, fui despertada do meu devaneio.

Na verdade, seria mais certo dizer que, quando ele apareceu, me despertou para algo além, que ainda não sei explicar.

Talvez fosse porque eu já estava abalada com as palavras de Cris, mas algo em mim soube que aquela pessoa era diferente assim que pisou no palco. Foi como se a energia do ambiente tivesse mudado, como se eu tivesse sido enfeitiçada, atraída por algo ao redor dele. Só então reparei em como ele era — e em como era bonito. Seu cabelo, escuro e liso, insistia em descer pela testa e ele o jogava para trás com um movimento do pescoço. O calor que senti ao ser observada entrando no bar deu lugar a outro, um pouco diferente.

Engoli em seco quando ele levantou a cabeça e seus olhos encontraram os meus, apesar da distância. O clique da eletricidade estática estourou entre nós em um show exclusivo.

Ele piscou e voltou sua atenção para o violão, dedilhando as cordas para ajustar a afinação antes de começar a música, e pensei em minha

vontade anterior de contornar meus lábios com os dedos. Por um instante, o desejo voltou, mas não foram as minhas mãos que imaginei próximas do meu rosto.

Prendi o ar, ansiosa pelo que ele pretendia cantar, sentindo uma necessidade absurda de ouvir sua voz e descobrir a melodia que me traria. Parte da apreensão era medo: eu não sabia como reagiria à decepção de descobrir que ele não era bom.

Então, o show começou, e foi como se eu tivesse sido transportada para outro lugar.

Meu coração começou a bater mais forte do que as notas suaves e temi que Cris pudesse me ouvir. Eu não conhecia aquela canção e arregalei os olhos ao constatar a coragem daquele rapaz: foi o primeiro da noite a não fazer um cover. Todo mundo sabe que é arriscado apresentar uma música própria, é muito mais fácil cantar algo conhecido e conquistar o público. Cantar algo que só você conhece é estar completamente sozinho em cima do palco.

Mas eu me enganei ao pensar que sua apresentação seria solitária. Aquele cantor tinha uma presença tão grande que era como se ele fosse uma banda completa.

E se eu já estava admirada com apenas os primeiros acordes, assim que ele abriu a boca, eu definitivamente entrei em outra dimensão.

Era a primeira vez que eu ouvia uma voz como a dele, suave e com um tom rouco de fundo, mas potente. Seu cantar era como deslizar os dedos pelo meu cabelo desembaraçado e macio: fluido, livre e aveludado.

Mais do que sua voz, a letra da canção conversou comigo em um nível que ainda não tinha vivenciado. A música falava sobre solidão e conforto, sobre uma necessidade de pertencer a algo não identificado.

Era poético, forte e sincero.

Quando ele terminou, nem eu nem Cris contivemos os aplausos e, por um instante, tive a impressão de que ele voltou a me encarar.

— Ele seria um forte candidato a meu cliente, se eu representasse homens.

Apesar dessa informação não ser nova para mim, tive o impulso de perguntar a Cris o motivo. Sei que ela não precisa se explicar para ninguém, mas eu queria conhecer sua verdade, depois de ter lido a distorção que o Portal Notícias publicou. Então segui meu impulso e perguntei.

— Segundo certos jornalistas, eu tenho um passado traumático com

minhas relações amorosas, o que é irônico, considerando que sou muito bem casada há quase dez anos. — Ela tomou mais um gole da cerveja antes de continuar. — Eu já representei homens no passado, mas percebi que estava deixando de fazer bem esse trabalho porque eu tinha uma preocupação maior: eu odiava ter reuniões com gravadoras e vê-las procurando por cantoras de acordo com o que elas aparentavam, não pelo talento e potencial de cada uma. Quando estavam interessadas em uma artista, a aparência era o que vinha em primeiro lugar, e comecei a brigar para que minhas clientes fossem reconhecidas pelos mesmos méritos que os meus clientes. E essa não é uma briga fácil. Se é para eu fazer bem o meu trabalho, preferi me concentrar naquilo que realmente acredito e que mais importa para mim. Repassei meus clientes homens para empresários em quem eu confiava e segui fazendo o que eu queria.

Meu celular brilhou sobre a mesa ao receber uma notificação. Cris olhou automaticamente para o aparelho, mas, para minha sorte, meu plano de fundo é neutro e não denuncia em nada minha identidade. Em um sobressalto, descobri que Roger estaria na porta dali quinze minutos.

— Eu preciso ir — falei, já me levantando para pagar a comanda e não me atrasar. — Foi um prazer conhecer você.

— Digo o mesmo, Maria — ela disse ao me abraçar e, pela primeira vez na noite, senti uma fígada de dor por não poder contar quem eu era. Eu queria voltar a entrar em contato, queria ser amiga daquela mulher.

Então, quando me encaminhei para a fila do caixa, esbarrei em alguém pelo caminho.

Ele.

Vi seus olhos se arregalarem e tive certeza de que, assim como eu havia prestado atenção nele, ele também me notara.

— Foi uma apresentação incrível — elogiei. Até agora não sei como consegui dizer aquilo.

— Obrigado. — Seu sorriso luminoso demonstrou que ele ficou realmente feliz com o elogio. — É uma pena que você esteja indo embora.

Descobri que seu tom de voz era mais brando ao falar do que cantando.

— É mesmo uma pena.

Aquela mulher era mesmo eu?

— Seria demais se eu pedisse seu telefone?

Em outras circunstâncias, seria. Mas nós dois sabíamos que havia

alguma coisa acontecendo.

De qualquer forma, eu não podia passar meu número para ele. E se ele descobrisse que estava em posse do celular da Yasmin?

— Eu poderia pegar o seu.

Assim, eu teria tempo de comprar um chip pré-pago e usá-lo para falar com ele.

— Você não confia em mim?

Era provável que fosse apenas uma cantada barata, que ele só estivesse querendo dizer que estava interessado o suficiente para não deixar de entrar em contato. Porém, mais do que a forma como ele me olhou, seu jeito de dizer essas simples palavras me contou uma história na qual eu poderia confiar nele para tudo.

Com o coração na garganta, dei um jeito de me recompor e respondi da forma mais segura que consegui transparecer:

— Prefiro não arriscar.

Seu sorriso travesso em resposta fez um frio percorrer toda minha espinha. Em seguida, ele parou um garçom que estava passando e pediu sua caneta emprestada, além de uma folha de seu bloquinho de pedidos. Depois, rabiscou alguma coisa e me entregou.

— Não vou tirar os olhos do meu telefone até receber um “oi” de um número desconhecido.

E, com essa, virou as costas e saiu andando.

Eu mal registrei as coisas que Roger me perguntou sobre a noite e não faço a menor ideia do que respondi. Logo eu, que antes estava empolgada para vê-lo mostrar um pacote de absorventes na guarita e dizer “Emergência para Yasmin”, com a intenção de deixar os seguranças tão constrangidos que nem questionariam sua entrada em casa tarde da noite — nunca vou entender o medo de alguns homens de menstruação! —, nem percebi quando chegou o momento. Só me dei conta que já tínhamos passado pelo portão quando ouvi as risadas do meu amigo — acho que ele também estava se divertindo por quebrar as regras.

E agora, tudo o que mais quero é que as sensações que trouxe do bar comigo não me abandonem quando eu fechar esse diário, ou que elas se percam ao longo da noite.

Não Adianta Chorar

Composição: Eloah Dias / Intérprete: Yasmin

Hey, você sabia
Que eu não tô de brincadeira?
Você achou que podia
Me enrolar com essa baboseira?

É melhor ficar esperto
E não dar como jogo certo
Porque, baby

Depois não adianta chorar
E nem me chamar
Eu sei o que quero
É melhor não ficar de lero-lero
Porque, baby
Eu sei o que quero

29 de setembro de 2019

Ontem aconteceu uma coisa muito estranha.

Fiz um show fora do estado, em um sentido que vai muito além do geográfico: nunca me senti tão fora do meu estado normal.

Ali estava eu, cantando as músicas de sempre, fazendo as coreografias que posso performar de olhos fechados... Mas era como se alguma coisa tivesse mudado.

Dessa vez, não foi só a impressão dos últimos tempos, de que as músicas eram vazias de alguma forma, de que eu entoava sons sem significados para mim. Quando comecei a mais do que conhecida “Esse meu coração”, pela primeira vez meus olhos se encheram de lágrimas.

E, meu Deus, como isso é patético, e assustador e... um alívio!

Fazia tanto tempo desde a última vez que senti qualquer coisa ao cantar que foi ótimo constatar que essa parte em mim não morreu. Mas foi uma surpresa que, de todas as canções possíveis, tenha sido essa — romântica — a que me tiraria da apatia.

A primeira vez que meu pai me mostrou a letra de “Esse meu coração”, lembro que fiquei confusa sobre alguns versos, porque eles não pareciam muito coesos, e alguns não faziam muito sentido. Mas papai insistiu que eu aceitasse gravá-la, que o ritmo apaixonado aliado aos versos repetitivos faria com que as pessoas ficassem com a música na cabeça.

É claro que ele estava certo.

A música estourou assim que foi lançada, tornando-se campeã em legendas de postagens românticas pelas redes sociais. Perdi as contas de quantas vezes vi fãs cantando comigo nos shows em completo êxtase, os olhos fechados e as lágrimas escorrendo.

E eu nunca entendi como isso era possível, mesmo que me esforçasse para cantar com emoção e me alegrasse com a entrega deles.

A verdade é que, tirando minha paixonite pelo Roger, eu nunca me apaixonei. É óbvio que já tive um ou outro caso, e nem vou mencionar meu namoro ridículo de menos de um ano com o Gabriel Rocha, que se resumia mais à atração física do que algo emocional, mas esse negócio de se relacionar com outras pessoas da área é difícil demais. A mídia surtou ao descobrir que a “queridinha do Brasil” estava saindo com a nova estrela do sertanejo universitário e ficava em cima de nós em dobro. Ao mesmo tempo, não temos muita escapatória. Como conhecer alguém “comum” sendo uma

celebridade? Como saber que a pessoa gosta de mim e não que está deslumbrada por minha fama?

Então eu conheci Alain e tudo ficou ainda mais confuso.

Quando vi, no dia seguinte, seu nome escrito no papel que ele me entregou no bar, fiquei na dúvida se eu não tinha entendido a caligrafia direito. Então, depois de Roger finalmente me entregar o chip pré-pago, minha primeira mensagem foi perguntando sobre seu nome, a que ele prontamente respondeu com um áudio.

— *É a versão francesa de Alan. Meu pai é francês e conheceu minha mãe quando veio trabalhar aqui. Nós nos mudamos para lá quando eu tinha uns sete anos, voltei para o Brasil em julho.*

Com o barulho do bar na noite anterior e hipnotizada por sua apresentação, eu não havia percebido o leve sotaque em algumas das palavras de Alain, o que ficou mais nítido em seu áudio — mesmo sendo bilíngue, seria impossível não pegar um pouco da pronúncia morando fora a maior parte da vida. Ele tentou me ensinar a como falar seu nome, mostrando o toque afrancesado no “ain”, que sou incapaz de reproduzir, já que francês nunca foi um dos idiomas que me atraiu — preferi me dedicar ao espanhol e ao alemão depois de ter dominado o inglês —, então concordamos que tudo bem se eu o chamasse pelo jeito brasileiro mesmo, considerando que as pronúncias são parecidas.

Foi nesse momento que percebi algo que fez meu coração acelerar.

Alain é três anos mais velho do que eu. Pelas minhas contas, ele saiu do Brasil mais ou menos quando minha carreira começou e voltou havia pouco tempo. Sendo assim, é muito possível que ele não tenha ouvido falar sobre mim, porque não sou conhecida internacionalmente.

É claro que, se eu disser a verdade, ele terá a dimensão de quem sou na mesma hora. Afinal, uma única busca no Google com a palavra Yasmin contaria a ele. Então eu preciso continuar mantendo segredo até saber o quanto posso confiar nele. Mas, se um dia ele souber, é muito diferente ter a informação de que sou famosa do que ter crescido ciente da minha fama. “Yasmin” não significa nada para ele, ele não cresceu convivendo com uma ideia endeusada de mim. Ele está livre do peso da construção da minha imagem.

O que significa que, com ele, eu é quem estou liberta.

E completamente ferrada.

E não tinha momento pior para eu ter percebido isso. Eu estava no

meio de um show, no meio da minha canção de maior sucesso; não era a melhor hora para começar a refletir sobre já ter me apaixonado alguma vez, muito menos para começar a ficar emotiva em cima do palco com uma música que antes era só isso para mim: uma música.

Talvez todos os questionamentos sobre mim e o sufocamento dos últimos meses tenham me deixado mais sensível, mas tenho minhas suspeitas de que não é esse o motivo para Alain estar mexendo assim comigo.

Nesses dez últimos dias, eu passei a ansiar pelas mensagens dele. Nossa troca tem sido cada vez mais frequente, maior e intensa, revelando uma afinidade que, ao mesmo tempo em que parece inusitada, faz sentido com as sensações que Alain me desperta desde o primeiro instante em que o vi. A parte ruim é que está cada vez mais difícil não falar sobre mim. Ele já percebeu, pelas minhas respostas vagas, que há algo que não quero compartilhar, subentendeu que existe algum tipo de complicação na minha vida, sobre a qual eu não estou preparada para me abrir.

Ainda assim, é como se ele já me conhecesse, porque sabe das coisas que realmente importam.

Ele sabe que adoro café forte e sem açúcar, que dias nublados me deixam para baixo, que piadas ruins me fazem rir.

Sabe que eu adoraria ter ido para a faculdade.

E foi só quando ele descobriu isso que percebi o quanto lamento por não ter estudado. Mais uma coisa de uma vida distante dos holofotes que eu sinto por não poder viver. Quer dizer, eu até poderia fazer uma graduação, mas nunca seria como é para os outros alunos.

A questão é que, quanto mais Alain quer saber sobre mim, mais ele me força a descobrir coisas novas a meu respeito. E, dia após dia, nós estreitamos um vínculo diferente de tudo que eu já senti.

Nas primeiras trocas de mensagens, o que mais falava alto era o frio na barriga, a lembrança dos seus olhos sobre mim de cima do palco e de como senti aquele calor sob minha pele. Ter conhecido Alain intensificou a audácia que senti ao usar um vestido ousado e uma maquiagem pesada.

Mas, então, algo mais sutil e, ao mesmo tempo, mais profundo, aconteceu.

Você mora sozinha?, ele me enviou na tarde de domingo passado, em uma folga rara para mim.

Com meu pai, respondi sem maiores detalhes. Falar da minha mãe nunca foi um assunto fácil. *Você voltou sozinho pro Brasil?*

Sim, decidi tentar a carreira aqui. Pelo “Digitando” aparecendo e sumindo repetidas vezes, tive a impressão de que Alain hesitou. Só consigo compor em português e não fazia sentido tentar me lançar na França. Tinha um dinheiro guardado de trabalhos informais que eu fazia em paralelo com a música e resolvi arriscar. Meus pais ficaram lá.

Entendi, digitei.

Por um breve instante, achei que a conversa encerraria ali, já sentindo um aperto no peito por não querer parar de falar com ele. Então ele enviou: *Seus pais são separados?*

Respirei fundo. Será que eu preferiria que a conversa tivesse acabado?

Percebi que não. Mais do que isso, eu queria falar com ele sobre aquela parte da minha vida.

Minha mãe nos abandonou quando eu ainda era bebê e não quis ter contato comigo depois. Eles nunca foram casados, foi uma gravidez acidental no meio de um relacionamento curto.

Na verdade, acho que é um pouco injusto dizer que ela me abandonou. Meu pai nunca escondeu de mim que ela não queria ser mãe e aceitou levar a gravidez adiante por insistência dele — seu sonho de ser pai era ainda maior do que o de se tornar um empresário de sucesso, algo para o qual ele caminhava naquela época. Mas ainda que eu entenda que ela tivesse direito a essa escolha, parte de mim não consegue se livrar da sensação de abandono. De rejeição.

Até uns dez anos, conforme minha fama crescia, eu acreditava que minha mãe voltaria se soubesse quão talentosa eu era, que sentiria orgulho de mim. Mas ela nunca apareceu e eu cansei de me frustrar esperando.

Você sente a falta dela?

Um nó se formou em minha garganta enquanto eu digitava a resposta. *É estranho como a gente pode sentir falta de algo que nunca existiu, não é?*

Para minha surpresa, o telefone tocou logo em seguida.

— Uhm, oi? — atendi com as mãos levemente trêmulas e sem conseguir disfarçar o espanto em minha voz.

— *Achei que precisava dizer desse jeito que eu sinto muito.*

Foi o tom que ele usou que fez com que eu caísse no choro.

Havia tanto conforto no jeito com que Alain falou que me senti abraçada por seu timbre. Com isso, algo que estava trancado por tempo demais se abriu.

E ele me permitiu chorar.

— Desculpa — falei quando consegui me acalmar.

— *Não se desculpe por sentir. Você não é um robô.*

— Posso te pedir uma coisa? — A pergunta saiu antes que eu me desse conta, e, na mesma hora, tive medo do que ele poderia achar. Ainda assim, era como se eu soubesse que estaria segura em fazer o pedido.

— *Até duas.* — Quase ouvi seu sorriso através do celular.

— Canta pra mim aquela música? Da sua apresentação?

Percebi que ele prendeu o ar por alguns instantes.

— *Outra vez?*

— Ahn? Mas você nunca cantou pra mim — retruquei, já me arrependendo do pedido.

— *Não.* — Ele riu do outro lado. — *É o nome da música.* — Fez uma pausa. — *É claro que canto.*

Pelos sons, quase consegui visualizá-lo se levantando da cama para pegar o violão, colocando o celular no viva-voz enquanto voltava a se sentar e apoiando o aparelho em algum lugar. Senti vontade de pedir que fizéssemos uma chamada por vídeo, mas eu não estava pronta para ser vista — e não queria voltar a enganá-lo usando uma aparência que não era a minha. Já bastava eu continuar usando o nome Maria, com receio de que ele tentasse buscar alguma Yasmin pelas redes sociais conforme tivesse mais informações e chegasse até a Yasmin celebridade.

Bastou ouvir os primeiros acordes para que eu fosse mais uma vez transportada para outro lugar. Fechei os olhos e permiti que a viagem acontecesse, embalada pela voz reconfortante de Alain.

A experiência foi ainda mais intensa.

Sem ninguém ao nosso redor, era como se ele estivesse no meu quarto comigo. Deixei que sua música preenchesse o ambiente e os espaços em meu peito. Estranhamente, quanto mais preenchida pela canção e por Alain, mais leve eu me sentia. É incrível o quanto os vazios estão entre as coisas mais pesadas que alguém pode carregar.

Quando ele terminou, só consegui sussurrar um “Obrigada”.

Alain suspirou, e seu suspiro teve o som de uma intimidade que, talvez, tenha sido uma das coisas mais bonitas que já ouvi.

— *Você estava certa.*

Franzi de leve a testa antes de perguntar sobre o quê.

— *É mesmo estranho como a gente pode sentir falta de algo que nunca existiu.* — Ele fez uma pausa, que fez meu estômago revirar. — *Eu*

não sabia que você existia até uns dias atrás, e só agora percebi o quanto eu sentia sua falta.

O mais louco de tudo é que entendi exatamente o que ele estava falando.

O restante da semana continuou com nossa troca de mensagens, nem sempre intensas como a de domingo, mas cada vez mais fortalecendo nossos laços.

E isso me afetou. É claro que me afetou. Não tivesse afetado, eu não estaria o voo todo escrevendo como uma doida nesse diário, louca para o avião pousar para que eu possa conferir se ele me mandou uma mensagem.

Ele disse que queria me ver e, céus, é tudo o que mais quero. Mas ainda não sei como fazer isso, não estou preparada para abrir mão desse mundo nosso que criamos nos últimos dias. Se eu revelar quem sou, não vai ter volta: não vou mais poder fingir para ele que sou uma pessoa comum.

Porém, também não posso negar. Parte de como estou me sentindo não tem a ver com ele, mas com os questionamentos que nossas conversas geraram sobre mim mesma.

Eu estou adorando conhecer a Yasmin por trás da celebridade e não estou pronta para interromper esse processo. Mais do que tudo, não posso perder a chance de descobrir se essa sou mesmo eu, escondida dentro de mim por esse tempo todo.

Máscaras (?)

Introdução???

Refrão

Quero ter minha própria voz
Quero descobrir seu som
Mas não posso fazer isso
Com uma máscara me impedindo

Se você pode me ouvir
Talvez eu também possa

1º de outubro de 2019

Eu não acredito que ainda não tinha visto *Todo Mundo Em Pânico*.

Cheguei em casa irritada depois de uma sessão de fotos para a Angel — Jafé apareceu sem motivo e ficou supervisionando tudo, o que me incomodou bastante — e falei para Alain que estava precisando rir.

Quando me sinto assim, digitou na mesma hora, *coloco meu filme preferido para isso: Todo Mundo em Pânico*.

Eu nunca assisti, sabia?

COMO ASSIM VOCÊ NUNCA ASSISTIU?

As letras garrafais eram o suficiente para demonstrar o quanto ele gostava desse filme.

Eu era muito pequena quando estreou.

Era verdade, mas havia um detalhe extra: papai sempre falou mal desse filme, que era uma porcaria que não acrescentava nada a ninguém. “Não sei como tem gente que pode gostar disso” é sua fala favorita a respeito de tudo aquilo que ele considera vulgar.

Vamos resolver isso hoje, Alain falou.

Fiquei nervosa na mesma hora. Evito tocar no assunto sobre a gente se encontrar e acho que Alain percebeu, pois não força a barra a respeito. Agora ele ia me convidar para assistir a um filme com ele? O que eu responderia? Eu estava mesmo considerando aceitar? E se eu gostasse desse filme “vulgar”, o que isso faria de mim?

Que horas você está livre? A gente coloca play ao mesmo tempo e vai comentando as cenas, o que acha?

Fui inundada por alívio — e um resquício de decepção.

Foram as duas horas mais divertidas da minha semana e ainda é só terça-feira.

E se Alain, que é tão talentoso e escreve letras tão profundas e geniais quanto as que já me mostrou, adora um besteiro de vez em quando, acho que também posso gostar de coisas assim sem correr o risco de ser menos inteligente. Menos culta.

Menos valorizada.

4 de outubro de 2019

Não sabia que eu podia perder o fôlego com uma foto.

Estava na academia para o meu treino diário, e Alain me disse que estava fazendo a mesma coisa.

Duvido, acho que você só quer criar uma coincidência aqui, brinquei.

Então ele me enviou uma foto para provar.

Sem camisa.

Suado.

Não sabia que eu podia perder o fôlego com uma foto.

9 de outubro de 2019

Ok, eu não sabia que dava pra continuar perdendo o fôlego com fotos.
É, no plural.

11 de outubro de 2019

Quero ver o Alain. Eu preciso disso.

E acho que estou segura com ele.

Eu resolvi fazer um teste e, bom, ele passou!

Se a gente realmente for se encontrar, não quero usar um disfarce, nem que ele me chame por um nome que não é meu. Com ele tenho sido eu mesma, ainda que uma versão de mim que eu ainda não conhecia, e agora quero que ele me veja por inteiro. Porém, eu sei que não posso fazer isso sem antes ter certeza de que eu posso me revelar.

Então eu tive uma ideia.

Passei o dia todo ansiosa, esperando por nossa conversa noturna. Temos conversado sempre a essa hora porque, além de ser o momento em que normalmente já terminamos nossas atividades do dia, é quando também estou sozinha em meu anexo. Meu pai continua sem nem sonhar que Alain existe, e espero que as coisas permaneçam assim, embora Roger, muito causalmente, me sugira o contrário entre nossas conversas sempre que vê uma oportunidade. Por mais que ele compreenda meus receios, acredita que, se eu fosse sincera, meu pai me entenderia, o que permitiria que eu e Alain encontrássemos uma forma de nos vermos. Para Roger, o papel que o Sultão mais desempenha é o de pai.

Infelizmente, eu desconfio que o papel de meu empresário fale mais alto.

Como já virou costume, Alain me ligou e tocou uma de suas músicas, mais uma vez me fazendo viajar ao som de sua voz.

— Você é um músico excelente.

— *Fico feliz de você achar isso.*

Com o coração batendo forte, comecei a colocar meu plano em ação.

— Tenho certeza de que, se você fosse apresentado à pessoa certa, você decolaria.

— *Bom, é o que eu quero. Tenho esperado por isso, por uma oportunidade. Pelo destino sorrindo pra mim.*

— Alain, eu estava pensando... Não sei na verdade como não tinha pensado nisso antes. Mas eu acho que posso te apresentar a alguém.

Ele ficou em silêncio do outro lado da linha.

— *Como assim?*

Eu respirei fundo.

— No show, quando a gente se conheceu, tinha uma mulher sentada comigo, não tinha? — Esperei que ele concordasse. — A gente conversou bastante e, no fim das contas, ela me contou que é empresária musical. Ela só trabalha com mulheres, mas deve conhecer alguém para te apresentar. Eu fiz um favor pra ela aquela noite — resolvi mentir — e tenho certeza de que, se eu tentasse entrar em contato, ela se lembraria de mim e estaria disposta a retribuir. Até porque ela elogiou sua apresentação e disse que você seria um forte candidato a ser representado por ela, se ela não trabalhasse apenas com mulheres.

Alain continuou em silêncio e tive medo do que ele responderia.

Porque a resposta definiria tudo dali em diante.

— *Você é uma linda e quero que saiba que sou muito grato por você querer me ajudar. Mas eu prefiro que você não faça nada.*

— Tem certeza? — perguntei com o coração aos saltos.

— *Tenho.* — Sua respiração pesada denunciou o quanto estava sendo difícil para ele me dizer aquilo. — *Olha, ela me viu cantando. Se tivesse visto potencial, se interessado, teria vindo falar comigo, nem que fosse para me apresentar para outra pessoa. Eu não quero que ela só cogite essa possibilidade para retribuir um favor para você. Eu quero merecer a minha chance quando ela aparecer, entende?*

Sorri de orelha a orelha.

Alain quer, sim, fazer sucesso com sua música, mas ele quer por mérito próprio.

Será que seu orgulho é forte o suficiente para resistir ao fato de saber que está conversando com uma celebridade, filha de um empresário?

Acho que não tenho como saber.

Mas por tudo que ele me mostrou até então, ele está interessado em mim e não no que posso oferecer.

Espero que isso não mude quando ele descobrir quem sou.

13 de outubro de 2019

Não acredito, mas isso vai mesmo acontecer.

Vou sair com Alain. Quarta-feira.

Que Roger esteja disposto a me ajudar mais essa vez!

Zum-zum: Testes

Qual música da Yasmin representa sua personalidade?

postado em 14/10/2019, 15h27

Será que você está mais para a romântica “Esse meu coração” ou a decidida “Não adianta chorar”? Ou quem sabe ainda a animada — e *nonsense* — “Piri-patz-tum”?

Faça o teste abaixo e descubra!

16 de outubro de 2019

Eu vivi a noite mais mágica de toda a minha vida.

Mais do que quando fui premiada como Talento do Ano. Mais do que meu show de maior público na turnê de comemoração aos meus quinze anos de carreira.

Não houve glamour, nem holofotes, mas sim um senso de realidade que eu ainda não tinha experimentado.

Como algo tão real pode parecer tão mágico?

Quero registrar tudo desde o começo, para poder voltar aqui no futuro e ter certeza de que, sim, foi tão incrível quanto me lembro.

Esse foi mais um dos itens a ser acrescentados na minha lista infinita de gratidão a Roger. Hoje é aniversário dele, mas fui eu quem ganhei o presente.

Na verdade, usamos a data para encobrir minha fuga.

Roger informou meu pai que faria uma pequena comemoração em seu apartamento, apenas um bolo com a esposa e familiares mais próximos, que conheci em outras ocasiões, e que ele gostaria muito da minha presença. Meu pai concordou, desde que ele me levasse e me trouxesse de volta antes das 23h.

Eu, de fato, fui para o apartamento de Roger. A questão é que ele e a esposa não estariam lá para comemorar.

Pois é, eles cederam o lugar para meu encontro com Alain — eu garanti que não ultrapassaria limites, como usar o quarto deles. Ou a cama...

Dessa maneira, pelo menos no início, eu poderia fingir que morava ali. Disse para Alain que preferiria que ele fosse até minha casa em vez de nos encontrarmos em um lugar público.

Quando ele chegou, eu estava, mais uma vez, com a peruca loira, mas usando uma roupa que não é nem típica dos looks Yasmin, nem parecida com a que usei no bar. Eu me permiti escolher algo em que me sentisse confortável, bonita, sem me preocupar com o que outras pessoas pensariam. Escolhi uma calça preta justa de cintura alta, combinada com um cropped verde-água que deixava meus ombros à mostra.

Alain estava como eu lembrava: calça jeans e camiseta branca, destacando o tom levemente dourado de sua pele.

Meu peito apertou e flutuou ao mesmo tempo. Eu queria me jogar em seus braços, queria conferir se o cheiro vindo de sua pele correspondia ao que

eu imaginava — não ao aroma em si, mas ao aconchego que acreditava que me proporcionaria. Era absurdo como eu podia sentir tantas coisas por alguém que eu via pela segunda vez, e também por isso precisei me controlar. Aquela era a primeira vez que nos víamos depois de tantas trocas significativas de mensagens, e eu precisava, entre outras coisas, ter certeza, pessoalmente, de que o que eu sentia por ele era recíproco.

— Acho que tinha me esquecido de como você é linda — Alain falou, me tocando com carinho, e me permiti fechar os olhos sentindo o calor da sua palma cobrindo toda a lateral do meu rosto. Sem o celular ou o barulho do bar, sua voz era ainda mais terna, e o leve sotaque francês, mais acentuado.

Mas, apesar da minha bolha de alegria por estarmos finalmente no mesmo ambiente, não podia continuar o encontro todo daquele jeito. Ele ainda achava que eu era loira e que me chamava Maria.

— Você se importa de se sentar um pouco aqui? Queria conversar com você.

Ele me olhou intrigado, mas não deixou de atender a meu pedido. Eu não precisei dizer que aquilo era importante; ele havia percebido.

Assim que nos sentamos, comecei a tremer da cabeça aos pés. Incapaz de olhar para ele, senti as palavras travarem na garganta. Eu o ouvi se aproximar antes de, mais uma vez, me tocar com gentileza, colocando uma mecha da peruca atrás da minha orelha.

— Sou eu. Não precisa ter medo. Pode me falar o que estiver te atormentando.

Levantei o rosto, apavorada com o que estava prestes a fazer.

— Antes de qualquer coisa — minha voz saiu trêmula como imaginei que sairia —, quero que você acredite que tudo o que conversamos foi real. Se lembre disso, que você me conhece, ok?

Ele franziu de leve os olhos.

Sem saber como explicar, comecei a cantar. Entoei os versos do refrão de “Esse meu coração” e vi Alain abrir um sorriso ao escutar minha voz.

— Você também canta!

Fiquei mais segura ao constatar que ele realmente não conhecia a Yasmin. Assim, mais fácil que ele continuasse enxergando quem sou por detrás da celebridade.

— Canto. Essa é minha profissão. E, Alain, eu sou famosa.

Lentamente, tirei a peruca. Fui retirando os grampos, buscando

preencher o silêncio entre nós, incapaz de ver a reação dele, enquanto meu cabelo caía pelos ombros.

Ao terminar, eu o encarei.

— Com todo respeito, você não deve ser tão famosa assim. Eu me lembraria se tivesse te visto.

Fiquei dividida entre me alegrar com o elogio e temer o leve ressentimento que percebi em sua voz. Alain estava confuso, e com razão — ele provavelmente também se sentia traído por eu ter escondido parte de quem sou.

— Você esteve fora do Brasil por quase toda sua vida e, hoje, não é meu público-alvo. Não é estranho que não tenha ouvido falar de mim.

Ele balançou a cabeça.

— Imagino que você também não se chame Maria, né?

Neguei.

— Yasmin. — Estendi a mão. — Muito prazer.

Ele olhou para minha palma e, quando me tocou, senti o gesto muito menos caloroso do que antes.

— Eu não entendo — ele disse por fim.

— Procura no Google. Digita Yasmin.

Notei que ele hesitou, ainda desconfiado de minha atitude. Mas, então, pegou o celular e fez o que pedi.

Na mesma hora, seus olhos se arregalaram.

Ele passou uns instantes vendo as páginas de resultados, abrindo links, encontrando minhas redes sociais.

Os números lhe disseram tudo o que eu precisava.

— É, você é mesmo famosa.

Dei de ombros.

— Desculpa ter escondido isso de você. Mas não sabia como dizer, Alain, e, pelo menos no começo, não sabia se podia. Eu não sabia quem você era. — Então falei como nossas conversas estavam me fazendo bem, como, a cada dia, eu descobria um novo lado de mim e como quis descobrir mais. — Mas chegou um ponto em que se tornou insuportável não te ver. E eu não queria que você continuasse a pensar que eu era outra pessoa.

— E quem você é? Maria ou Yasmin?

A pergunta não tinha nenhum tom de julgamento, mas ainda assim vinha com um peso que significava muito para nós dois.

— Sinceramente? Ainda estou descobrindo, é como se eu fosse

metade de cada uma.

Ele voltou a assentir, abaixando a cabeça e encarando o chão.

Depois de uns instantes, pareceu ter se dado conta de mais uma coisa.

— Presumo que você não more aqui.

— É o apartamento do meu assistente e amigo. Ele saiu para comemorar o aniversário com a esposa.

Ficamos uns instantes sem dizer nada e comecei a me questionar se a relação que vínhamos construindo e que me parecera tão concreta era, na verdade, frágil como um sonho, capaz de acabar com um simples abrir de olhos.

Mas, então, Alain demonstrou que, assim como eu estava em busca de entender meu meio-termo entre Maria e Yasmin, aquilo que estávamos vivendo também estava procurando seu lugar entre matéria e devaneio.

— Me conta: como é ser famosa?

Ele estava disposto a tentar!

Contei para ele como aquela era minha vida desde sempre. Contei as dificuldades que me acompanharam ao longo do meu crescimento principalmente em me relacionar com as pessoas, mas que, ao mesmo tempo, era bom ter acesso a tantas vantagens que a profissão me proporcionava. Falei que, sobretudo, era a sensação de poder trabalhar com o que mais me alegrava no mundo o que fazia tudo valer a pena.

— Então por que você parece tão triste dizendo isso?

Meus olhos tinham se enchido de lágrimas enquanto eu falava, percebendo que, sim, era verdade. Cantar ainda era o que eu amava mais do que qualquer outra coisa na vida, mesmo que eu viesse me questionando a respeito disso nos últimos tempos.

— Estou passando por uma crise, eu acho. Eu amo cantar, mas é como se minhas músicas não conversassem mais comigo. E se elas não falam comigo, de verdade, como podem falar com alguém? Eu não quero ser um robô, programado só para ganhar dinheiro. Acho que foi por isso que fiquei fascinada pelo seu trabalho... O que você canta é sincero.

Ele tornou a abaixar a cabeça, constrangido. E eu me encantei ainda mais por sua humildade.

— Por que você não muda isso, então? Cante o que você quer cantar.

— Eu não posso.

E expliquei como a Ágrah era o sonho da vida do meu pai, como ele perdeu tudo fazendo o investimento de risco e que meu contrato com a Angel

era a chance de ele se reerguer.

— Eu não posso mudar minha imagem. E o pior é que ainda não sei o que mudaria, se eu tivesse a chance. Não é como se eu tivesse passado a vida fingindo ser uma coisa que não sou. É só que, de repente, comecei a me questionar se sou apenas isso. E o porquê de eu ter sido sempre assim.

— Se ajuda — ele colocou a mão de leve sobre meu joelho, causando um estremecimento em meu corpo —, acho que todos nós passamos por questionamentos como esse em algum ponto da vida, mas nem todo mundo tem a sorte de ter um contrato milionário como catalisador da crise de identidade.

Foi minha vez de sorrir constrangida. Alain não estava subestimando minha angústia, só tentando me mostrar que as coisas não eram assim tão ruins.

— A noite está uma delícia — falou, encarando a janela, por onde havia acabado de soprar uma brisa. — Você consegue fazer isso, sair para aproveitar uma noite assim?

— Não — respondi em um tom melancólico. — Hoje só não estou acompanhada dos meus seguranças, porque Roger me buscou dentro de casa e me traria direto para o apartamento. Meu pai confia nele o bastante para isso. Sem contar que dificilmente consigo ir a algum lugar sem encontrar fãs ou pessoas querendo fotos, autógrafos, enfim, aquela coisa toda.

Ele balançou a cabeça, mas um brilho em seus olhos me deu a certeza de que ele estava planejando alguma coisa.

— Você se importa de me esperar aqui por uns vinte minutos? Prometo que volto o quanto antes.

Assenti. Tentei me apegar à confiança que senti com Alain em nossas trocas de mensagens, mas, a cada minuto sozinha no apartamento de Roger, eu temia que ele tivesse ido embora, que não voltaria ou, pior, que entraria em contato com um paparazzo para me expor de algum jeito.

Minha sensação de abandono e de não ser suficiente me acompanhavam, fazendo com que eu me sentisse mais solitária do que nunca.

Mas, então, o interfone tocou e o porteiro, mais uma vez, anunciou a chegada de Alain.

Quando ele passou pela porta, estendeu um capacete para mim.

— Consegue colocar sua peruca de novo e isso aqui por cima dela?

Olhei para ele sem entender.

— Quero te levar para dar uma volta. Você não vai ser reconhecida. E

acho melhor colocar sua jaqueta.

Hesitei, sentindo o coração martelar no peito, sem saber se por receio ou excitação.

Acho que uma mistura dos dois.

— Confia em mim?

Foi de novo seu olhar e o jeito doce de dizer essas palavras que me convenceram. Mais uma vez, era como se eu pudesse contar com ele para tudo.

— Eu nunca andei nisso — falei ao ver a moto de Alain estacionada na frente do prédio.

— Se você se sentir assustada, é só apertar minha cintura, tá bom?

Subi na garupa assim que Alain se posicionou. Ele me ajudou a colocar meus braços ao seu redor e encaixei a cabeça sobre seu ombro, evitando o contato entre nossos capacetes.

— Pronta? — eu o ouvi me perguntar.

Com um movimento de cabeça, confirmei.

Senti, no meu estômago, o ronco da moto dando partida e estreitei os braços em Alain. Ciente de que eu estava nervosa, ele saiu bem devagar, andando na velocidade mínima permitida na via.

Aos poucos, a sensação de estar em perigo foi sendo substituída pelo alívio provocada pelo vento — e que também me fez entender o motivo de Alain ter me sugerido colocar a jaqueta, apesar da noite quente.

Eu devo ter afrouxado os braços em sua cintura, anunciando que não estava mais tão tensa, e Alain acelerou um pouco.

Dessa vez, no lugar de sentir medo, me senti viva.

Porque eu estava rodeada de vida.

A velocidade da moto não deixava eu me apegar a nenhum som; só ouvia seu motor encobrendo os demais ruídos e fazendo uma alegria pulsante crescer dentro de mim.

Pela primeira vez, as pessoas caminhando nas ruas não me pareceram estar em um mundo paralelo ao meu; agora, eu estava ali, entre elas. Era como se fôssemos parte de um mesmo todo: eu, Alain, as pessoas, as árvores nas calçadas, o vento e a lua que tocavam a todos nós com seu frescor e luz, todos embalados por uma música formada pelo movimento.

Arrisquei fechar os olhos por um segundo.

Foi como se estivéssemos flutuando.

Nunca me senti tão livre.

Então eu gargalhei, porque não havia nada que me impedisse de gargalhar. E chorei, porque eu tinha o direito de chorar.

Eu era um amontoado de emoções diferentes e agradei por cada uma delas.

Quando paramos em um semáforo, me permiti encarar a lua cheia no céu. A sensação de conexão com ela e com o mundo ao meu redor continuava pulsando em mim, mas, dessa vez, tive também outra percepção.

É bem provável que eu jamais possa andar nas ruas como aquelas pessoas. Minha vida, desde o começo, nunca foi como a de alguém que não está sob os holofotes. Mas é a minha vida e isso não posso mudar. Da mesma maneira, é provável também que essas outras pessoas jamais tenham as minhas experiências e oportunidades.

Não foi só uma questão de compreender que não é possível ter tudo, mas que cada um de nós desempenha um papel próprio e ocupa uma diferente posição. Assim como a lua não pode ser o sol e vice-versa.

Minha prisão nunca foi minha carreira, mas me importar com o que esperam de mim.

Naquela moto, rindo, chorando, abraçada a um semidesconhecido que se tornara mais próximo de mim até mesmo do que Roger, eu era o oposto do que deveria. Mas era exatamente quem eu queria ser e estava justamente onde queria estar naquele instante.

Eu não podia mais continuar me privando disso.

Perdi a noção de por quanto tempo circulamos pela cidade, e só paramos quando Alain passou por um drive-thru de fast-food e cutuquei seu ombro, indicando que queria parar.

Entramos na fila, fizemos nosso pedido — que Alain pagou, já que eu só estava com meu cartão de crédito e não queria que meu nome me denunciasse — e saímos com os pacotes.

— Conheço o lugar perfeito.

Não muito longe de onde estávamos, havia um mirante, vazio naquele horário, com vista para a cidade.

Sentados no chão e usando a sacola de papel como toalha, comemos nossos lanches com batata frita e refrigerante ao som do cricrilar dos grilos e foi a melhor refeição que eu já havia feito.

— Você é descendente de árabes? — Alain perguntou, puxando assunto, depois de termos devorado tudo. Pela maneira como ele estava me encarando, imagino que meus olhos, como acontece com todo mundo,

chamaram sua atenção.

— Pela família do meu pai. Meu bisavô veio da Índia, de uma cidade chamada Agra, que inspirou o nome da empresa de papai. Por isso colocaram nele o apelido de Sultão, quando ele se consolidou no meio.

— E você segue o Islã?

— Não — respondi em meio a uma risada. — Talvez seja triste pensar que a tradição familiar não seguiu em frente, mas essa é só uma parte de quem sou, considerando todas as outras etnias dos meus antepassados. Não sei bem as origens da minha mãe, mas não deve ser muito diferente da mistura que é a família do meu pai. Brasileiro é assim, né?

— É, você tem razão. Se eu puxar pela família da minha mãe, acho que tem português, espanhol, indígena, polonês...

Assenti. Então, ciente de que eu mudaria completamente de assunto, desapareci:

— Obrigada, Alain.

— Por me interessar por sua ancestralidade?

Com seu sorriso, tive certeza de que ele sabia a que eu estava me referindo.

— Por essa noite. Por tudo.

Não sei se existe um instante exato em que você se apaixona, um microssegundo em meio ao infinito do tempo em que tudo muda, mas foi ali, naquele mirante, quando meus lábios tocaram o de Alain, que a noite me deu mais uma revelação: eu estava completamente apaixonada.

Eu soube que ele me beijaria mesmo antes de ele se inclinar na minha direção, pois o som da sua respiração — forte, pesada, ritmada — me contou a mesma história de desejo que a minha contava a ele. Meu corpo se inclinou em sua direção, reagindo ao dele, que também vinha até mim. Eu estava mais uma vez trêmula, mas, dessa vez, sem receio algum.

Quando nossos rostos se aproximaram, a mão de Alain acariciou minha nuca. Fiquei grata por ele ter tocado minha pele, e não os fios da peruca, porque assim pude sentir o seu toque. Levei minha mão até seu rosto e, com as costas dos dedos, desenhei círculos em suas bochechas, que fizeram Alain fechar os olhos e pender com a cabeça sobre minha mão.

Nós dois prolongávamos o momento, esticando os segundos tanto quanto possível para que eles não acabassem.

Ele voltou a abrir os olhos e encarou meus lábios, deixando minha boca completamente seca e formigando sob seu olhar. Com a mão que ainda

não tinha me tocado, Alain levou os dedos até mim, contornando meus lábios como senti vontade de fazer naquele primeiro dia no bar ao encarar meu reflexo. Ele via em mim a mesma coisa que eu havia enxergado. Senti a fisgada em meu baixo-ventre.

Eu morreria se não provasse logo seu sabor.

Então, enfim, nós nos beijamos.

A boca de Alain era quente e macia, capaz de esquentar e envolver todo meu corpo.

Meu peito explodiu em estrelas e, mais uma vez, eu e ele éramos parte daquela noite repleta de magia.

Foi natural quando ele me puxou para mais perto e me sentei em seu colo, minhas pernas tão firmes ao redor de sua cintura quanto seus braços em minhas costas. Eu trazia seu pescoço para mim, mal conseguindo suportar a ideia de ter nossos corpos separados.

— Acho melhor eu respirar um pouco — Alain falou, se afastando ligeiramente, a testa ainda apoiada na minha.

Ri alto, jogando a cabeça para trás, em um misto de excitação e timidez por sentir Alain rígido em minha barriga.

Dei um selinho casto em seus lábios e saí de seu colo, sentando-me mais uma vez ao seu lado. Dessa vez, seu braço rodeou minhas costas e apoiei a cabeça em seu ombro.

Eu poderia ter ficado ali para sempre, mas a ligação de Roger querendo saber se estava tudo bem e avisando que estava retornando ao apartamento nos despertou do sonho.

— Preciso voltar — eu disse com pesar.

Alain me beijou mais uma vez, como se quisesse nos manter naquele momento, e me levou de volta ao apartamento de Roger.

Conseguimos chegar antes dele, o que com certeza tornou mais fácil contar como a noite havia sido enquanto Roger me levava de volta para casa. Ele ainda assim me deu um sermão por eu ter saído pela cidade de moto, mas teria sido muito pior se ele tivesse descoberto ao não me ver no apartamento quando chegou.

Agora, estou aqui, um pouco melancólica pela noite ter chegado ao fim.

Por outro lado, a euforia no meu peito e todas as memórias frescas que me invadem ao fechar os olhos me fazem ter certeza de que a magia continua comigo.

Máscaras (?) Identidade

Introdução???

Eu nasci em um castelo

Um lugar feito de sonhos

Mas no lugar de ser cortejada (repensar essa palavra)

Eu servia

Até meu lugar não me servir mais

(ok, repensar todos os últimos versos =/)

(diminuir palavras em cada verso e aumentar estrofes?)

Foi quando eu percebi

Que eu só vestia o que me deram

(acrescentar mais dois versos?)

Refrão

Quero ter minha própria voz

~~Quero descobrir seu som~~ Descobrir como ela soa

Mas ~~não posso fazer isso~~ como fazer isso

Com uma máscara me impedindo?

Se você pode me ouvir

Talvez eu também possa

Então me faça falar

Até eu conseguir me escutar

Até essa máscara voar para longe

Com a força da minha voz

18 de outubro de 2019

Querido diário,

Por hoje, vou me permitir essa introdução, porque ela combina perfeitamente com o tipo de pessoa que me tornei: aquela que fica dois dias sem ver o boy e já sente saudades.

Mas acho que tenho esse direito... Talvez eu não estivesse assim se soubesse quando a gente vai conseguir se ver de novo. Mesmo que eu não fosse viajar amanhã, encontrar Alain sempre implica em despistar meu pai e todo meu esquema de segurança, o que significa precisar mais uma vez da ajuda do Roger — e algo me diz que tenho abusado um pouco dele e da minha própria sorte. Além disso, Alain tem os próprios compromissos. Entre apresentações em bares da cidade, aulas particulares e também em uma escola de música, fica complicado combinar nossas agendas.

Então, paciência. Enquanto eu e Alain não descobirmos uma forma de fazer outro encontro acontecer, eu reclamo no meu diário que estou com saudades do cara por quem me apaixonei.

25 de outubro de 2019

A viagem foi melhor do que eu esperava, ainda que seja ótimo estar de volta e poder dormir na minha própria cama.

Nos últimos dias, aproveitei cada momento de folga entre meus compromissos para me desligar: me dediquei à música que estou escrevendo, aproveitei a piscina do hotel e consegui dar uma volta pela cidade sozinha no carro. Sozinha! Eu que estava dirigindo! Tudo bem, meus seguranças estavam me acompanhando em outro veículo logo atrás, mas foi melhor do que nada. Quem sabe meu pai não me deixa fazer o mesmo por aqui?

Também não consigo tirar da cabeça minha última noite no hotel. Desde que me revelei para Alain, começamos a fazer algumas chamadas de vídeo, mas, como a conexão estava ruim naquele dia, nossa conversa da noite acabou sendo em texto e áudio. Eu estava extasiada pela energia de lá, por ter dirigido e tudo mais, e é claro que ele percebeu meu estado de espírito.

Você deve ficar ainda mais linda animada assim, foi a mensagem que me fez sorrir.

Fiz uma careta e enviei a foto para ele.

Eu não disse? Nunca vi alguém tão bonita, e não estou sendo irônico.

Eu sabia que ele estava sendo sincero, e a forma como ele fez eu me sentir linda, combinada à minha animação do dia, despertou a mesma ousadia que senti aquela noite no bar.

Não digitei mais nada, coloquei o sinal de não perturbe na porta e, por garantia, fechei as cortinas da janela. Mesmo que elas impossibilitassem que qualquer observador externo me visse no quarto, não me impediam de ouvir a brisa batendo nas árvores lá fora.

Ajustei a iluminação do quarto, diminuindo a luz principal e acendendo os abajures ao lado da cama. Então coloquei uma playlist para tocar, dando o tom exato que eu precisava.

Ainda está aí?, Alain me perguntou.

Preparando uma surpresa.

Ignorei seus pontos de interrogação e continuei meu plano.

Em pé, de frente para o espelho, eu me despi, ficando apenas com minha lingerie.

Olhei para cada detalhe do meu corpo e, lentamente, comecei a me tocar, ouvindo o som dos meus dedos percorrendo minha pele. Quando o calor em meu baixo-ventre se expandiu, voltei para a cama.

Deitada, abri a câmera do meu celular e comecei a me fotografar.

Em nenhuma das fotos deixei meu rosto à mostra ou algo que me identificasse, então me senti segura para registrar o que eu queria, como queria.

O calor se intensificou só de me imaginar enviando alguma delas para Alain.

Trêmula, respirei fundo e enviei a primeira, para fazer o teste.

Ele visualizou na mesma hora.

PQP, Yasmin. Como você faz isso comigo?

Quase pude ouvi-lo respirando bem fundo.

Faço o quê? Isso?

Enviei mais uma.

Você quer acabar comigo, não quer?

Mandeí várias outras depois daquela, e recebi outras em resposta.

Descobri que as palavras — e minhas mãos — podiam tornar reais sensações e eventos compartilhados através de uma conexão sem fio, interligando uma distância que só podia ser diminuída daquela forma.

Voltei para casa animada, com uma sensação de que existem possibilidades para além do que eu via. Ainda não consegui organizar o que sinto em ideias mais concretas, mas o que importa é isso: estou mais motivada e esperançosa do que quando comecei este diário.

Estar aqui intensifica minha saudade de Alain — ele está tão perto e eu ainda não sei como vê-lo. Porém, acho que vamos conseguir dar um jeito em tudo.

Só precisamos descobrir como.

26 de outubro de 2019

Hoje foi mais um daqueles dias em que eu queria ser capaz de atravessar a tela do celular e me transportar para o outro lado. A falta de Alain, a vontade de tocar seu rosto... Doeu fisicamente.

Antes da nossa chamada de vídeo da noite, criei coragem e decidi mostrar a ele a música que estou tentando compor.

Quero te mostrar uma coisa, digitei depois de responder sua última pergunta. *Posso te ligar daqui a pouco?*

Pode me mostrar o que você quiser, Alain brincou, me arrancando um sorriso e um frio na barriga.

Fui até o estúdio na casa principal e, depois de conferir se a porta estava mesmo trancada, posicionei o celular na parede ao lado do piano antes de me sentar e fiz a ligação.

— Não estou nem perto de acabar, mas queria que você ouvisse o que consegui até agora.

Pude ver a alegria em seu sorriso. Ele sabia que aquilo era importante e que eu estava confiando a ele algo que não havia confiado a ninguém.

Eu estava dizendo a Alain que ele era importante, e ele captou a mensagem.

Meus dedos encostaram um pouco incertos nas teclas tão conhecidas, como quem continua em dúvida sobre aquela ser a melhor escolha. Porém, ouvindo a melodia, mais uma vez me senti confiante de estar no caminho certo.

Comecei a cantar, percebendo não só as palavras que ainda não cabiam tão bem nos versos, mas, principalmente, as que eram perfeitas. Quanto mais avançava, mais ciente me sentia da emoção que quero passar com aquela música.

— Ainda preciso acertar a estrofe antes de repetir o refrão pela última vez, acho que ela precisa ser mais forte. E não estou confiante se é melhor aumentar ou não o tom no começo. O que você achou? — perguntei ansiosa assim que a música acabou, preenchendo o silêncio de Alain.

Ele me encarou pela tela, aumentando meu nervosismo.

— *Você é tão talentosa, Yasmin* — disse em um tom profundo, quase rouco.

Não foi a primeira vez que ouvi esse elogio, mas foi a primeira que ele levou lágrimas aos meus olhos.

Perguntei se ele tinha sugestões, tentando disfarçar como eu havia ficado mexida. Alain pensou um pouco e então começou a perguntar sobre minhas dúvidas. Ele estava me estimulando a pensar e a encontrar as respostas por mim, para garantir que o resultado seja exatamente o que eu quero.

— Você ajudou muito — falei depois de anotar as ideias que tive com nosso brainstorming, mas ainda sem querer encerrar a ligação.

— *Quero te propor um desafio.*

Eu o olhei cheia de malícia, brincando. Ele soltou uma risada gostosa, antes de continuar:

— *Cada um de nós começa a tocar alguma coisa, inédita, criada agora. E o outro tem que acompanhar. Você no piano, eu no violão.*

— Fechado.

As primeiras tentativas foram um desastre. Na ânsia de não ficar para trás, tirávamos qualquer coisa dos instrumentos, forçando o outro a acompanhar aquela bagunça de notas aleatórias. Não me lembro da última vez que havia ficado com a barriga doendo de tanto rir.

Mas, então, uma coisa aconteceu.

Não sei quem entoou o primeiro compasso. O que sei é que, assim que ouvimos, nos encaramos assombrados e maravilhados. Havia o início de uma música em potencial entre nós dois.

— *Consegue repetir?* — ele me perguntou, empolgado.

Minha resposta foi a reprodução do que havia acabado de fazer.

— *Melhor anotar.* — Ele se apressou a marcar as notas, enquanto eu ligava um gravador.

Perdi a noção do tempo dentro do estúdio, mas saí dali com a estrutura de uma melodia, ainda que precisasse de alguns ajustes.

Eu e Alain estamos compondo uma música.

A nossa música.

28 de outubro de 2019

Passei os últimos dois dias obcecada com nossa canção. Inclusive, levei uma chamada de atenção de papai. Ele estava falando sobre minha presença no programa Noite Adentro amanhã e eu, completamente aérea, não percebi. Aparentemente a equipe entrou em contato me convidando para uma entrevista, e meu pai estava me convencendo sobre ser uma boa oportunidade, já que não sou muito fã do apresentador — para dizer o mínimo — e não me vejo ficando confortável durante a conversa. Acho que vou passar o tempo todo esperando que ele venha com um ataque disfarçado de piada. Porém, como é um programa popular e papai não quer perder nenhuma oportunidade desde que passou a ter só a mim como cliente, concordei.

Alain me disse que vai assistir e estará preparado para lançar uma hashtag na internet em minha defesa na mesma hora, se alguma coisa de ruim acontecer.

A perspectiva de ser confortada por ele depois, até me deixou mais empolgada para encarar o programa.

Daniel Grossos cria desconforto entre Yasmin e Mila Santana no Noite Adentro

por Samuca em 30/10/2019 00h54

Costumo passar bem longe da TV nas noites de terça, faço zero questão de dar audiência para o Daniel Grossos e suas tiradas preconceituosas. Mas, minha princesa Yasmin era a convidada do dia e eu, cadelinha que sou, não poderia perder. Acontece que o programa foi tão absurdo que precisei falar sobre ele assim que acabou, ou não conseguiria dormir hoje.

O Noite Adentro da semana trouxe também a mais nova sensação do momento, Mila Santana. A conversa tinha tudo para ser um sucesso — e não deixou de ser, se você focar nos altíssimos números de audiência que a emissora atingiu durante a exibição ao vivo —, mas deixou a todos — os que têm um mínimo de noção de mundo, pelo menos — com vergonha alheia pelo visível desconforto entre as estrelas.

Tudo começou com a pergunta sobre o batom vermelho e inédito de Yasmin, insinuando que ela poderia ter se sentido ameaçada por Mila, que sustenta um visual bem diferente — e muito mais ousado — do que o da "Filha Ideal". Vale lembrar que já problematizei esse apelido que a Faces deu para ela [nesse post aqui](#), mas acho que ajuda a entender o que o entrevistador estava tentando fazer com as duas.

Mesmo na defensiva, Yasmin se saiu bem e quase aplaudiu de pé quando ela questionou, sem perder a simpatia, a relevância daquilo. Ela então acrescentou que todos nós temos vontade de fazer algo diferente de vez em quando.

Grossos insistiu: “E por que hoje?”

Yasmin rebateu: “E por que deixar pra amanhã?”

O entrevistador seguiu com perguntas desnecessárias e que soaram ainda piores pela visível tentativa de criar uma

oposição entre as duas — como se as mulheres precisassem de mais pessoas instigando a rivalidade entre elas. Mas Yasmin e Mila deram um show de sororidade, defendendo o trabalho da outra e encarando as perguntas juntas, sem se deixarem abater.

O resumo da coisa é que Grossos provou ser, mais uma vez, um desserviço à TV brasileira e eu felizmente sigo fã das pessoas certas.

30 de outubro de 2019

Eu sabia que algo assim aconteceria. E não acredito que foi por causa de um batom.

Enquanto estavam fazendo minha maquiagem, pedi para usar o vermelho. Vi que a maquiadora estranhou, mas ao mesmo tempo sorriu, como se uma comunicação silenciosa tivesse acontecido entre nós.

Não foi uma tentativa de me rebelar ou de desafiar. Pelo amor de Deus, existem formas mais eficientes e produtivas de militar. Eu só quis usar uma coisa diferente, algo que fez com que eu me sentisse bem comigo mesma da primeira vez que usei. Mas o mundo resolveu criar caso com isso — porque, aparentemente, não existem assuntos mais importantes por aí.

E antes tivesse ficado apenas no batom, mas o show de horrores que se seguiu fechou a noite com chave de ouro. Eu estava certa em ficar na defensiva, só não esperava que a entrevista inteira seria voltada ao que eu e Mila preferimos usar ou não, como seria o nosso primeiro encontro ideal, como pensávamos em administrar nossa vida profissional em um futuro hipotético no qual seríamos mães ou, a pior de todas, a importância do nosso corpo para nossas carreiras — ele realmente acredita que o fato de Mila ser mais curvilínea do que eu está ligado diretamente ao que ela canta. Não bastasse ser uma ideia absurda, é cansativo ouvir coisas invasivas assim, como se nossos corpos fossem questões públicas.

Bastou eu voltar para os bastidores para Roger chegar com meu celular, uma expressão de solidariedade por saber o que eu estava prestes a ouvir. É óbvio que meu pai estaria aguardando em uma ligação; se ele e Jafé não estivessem em uma reunião essa noite, meu pai estaria aguardando pessoalmente minha saída do estúdio.

Suspirei antes de atender.

Papai mal me deu oi e já foi perguntando por que fiz aquilo, que a internet estava em polvorosa comentando sobre o programa e que um dos funcionários da Angel tinha entrado em contato, dizendo que, embora nosso contrato não especificasse nada sobre o uso de “certas maquiagens”, eles “apreciariam muitíssimo” se eu evitasse usar cores “chamativas”.

Ele não quis saber como eu estava e agiu como se a culpa fosse minha, sendo que eu não era responsável por nada — não fui eu que fiz todas aquelas perguntas, certo? E, sinceramente, se o Daniel não tivesse chamado a atenção para o meu batom, eu duvido que teriam feito alvoroço por isso.

Foi ele quem fez da minha escolha um grande evento.

— Você queria que eu fosse vista, não queria? Parabéns, papai, você conseguiu — falei antes de desligar, com as mãos trêmulas pelo meu primeiro ataque de irritação com ele.

Eu tinha acabado de passar por uma hora de tensão, sendo atacada ao vivo, completamente de graça, e ainda precisava ouvir sermão por eu ter tido a audácia de passar um batom diferente?

Mas não foi isso que me desestabilizou. Na verdade, o batom foi só o copo transbordando; eu já estava mexida antes mesmo de começar a maquiagem.

Primeiro, porque eu não sabia que seria entrevistada com Mila Santana. Na minha cabeça, eu era a única convidada da noite. Só quando cheguei ao estúdio é que me informaram da presença dela, e senti que havia algo errado. Não sei a real intenção dos produtores com a situação, mas a impressão que eu tive, durante o programa, era que eles queriam ressaltar nossas diferenças e ver o circo pegar fogo no meio do mundo polarizado em que vivemos. Houve comentários a meu favor, contra mim, a favor e contra ambas, ou seja, teve de tudo. O que importava para os executivos do programa era manter as pessoas falando daquela entrevista e aumentar a audiência e a popularidade do Noite Adentro.

De qualquer maneira, eu ainda não tinha como saber de nada disso naquele momento. Eu apenas fui comunicada sobre a participação de Mila e senti um mal presságio. E então, nesse mesmo instante, vi Cris Novaes no corredor, dirigindo-se ao camarim de Mila.

— Cris — chamei antes que me desse conta do que eu estava fazendo. Só quando ela girou o corpo e me encarou, intrigada, percebi meu deslize.

Eu a havia conhecido no bar, mas quem ela conheceu foi a Maria. Para ela, nós nunca tínhamos nos encontrado.

— Yasmin, é um prazer te conhecer pessoalmente — respondeu ao se aproximar de mim para me cumprimentar.

— Ah, eu estava ansiosa por isso. — Ao menos meus anos lidando com a mídia me ensinaram a ter jogo de cintura e a apostar em minha simpatia. — Venho acompanhando seu trabalho e estava esperando por uma oportunidade de te dar os parabéns.

— É muito gentil da sua parte. Você está sozinha?

— Com meu assistente, Roger. Ele foi atender uma ligação.

— Ah, sim. Achei que encontraria o Jafé com você.

— O Jafé?

— Sim. Não foi ele quem sugeriu a entrevista conjunta?

Não entendi o porquê de a Cris ter achado aquilo, mas ela logo disse que devia ter se confundido e acrescentou:

— Foram tantas as informações que os produtores do programa me passaram que é uma sorte eu e Mila termos vindo no dia certo. — Nós duas rimos. — E antes que eu me esqueça: parabéns pelo seu contrato com a Angel! Com certeza uma oportunidade única.

Devo ter vacilado antes de agradecer e deixado alguma coisa transparecer, porque Cris franziu de leve os olhos. Porém, tudo foi muito rápido e em seguida ela foi para o camarim de Mila, enquanto fui para o meu.

As palavras que ela havia me dito pouco mais de um mês atrás ressoaram com tudo.

“A Yasmin é com certeza uma excelente artista, só é uma pena que a limitem tanto. Continuam fazendo dela uma garotinha, sem darem chance para ela se descobrir como mulher e cantora. Tenho minhas dúvidas se ela percebe isso.”

Talvez por isso eu tenha pedido para usar o batom.

Não sinto mais que eu sou a Yasmin que Cris descreveu, acho até que eu já havia começado a deixar de sê-la quando Cris me disse aquilo — se eu não tivesse começado meu processo de mudança, eu não estaria naquele bar. Aquela noite eu saí não em busca de diversão, mas de mim mesma.

Porém, eu ainda não sei se cheguei a algum lugar; é como se eu estivesse em meio à jornada. Encontrar Cris me deixou com medo de, no fim das contas, ser tudo inútil e eu não chegar a lugar nenhum.

O quanto basta querer me descobrir, quando as pessoas e as situações ao meu redor estão tão empenhadas a me limitar?

Pelo menos uma coisa me fez sorrir.

Assim que eu abri o Twitter, a hashtag #YasminUseOQueQuiser estava em primeiro lugar nos Trending Topics.

A hashtag que Alain criou.

Identidade

(versão passada a limpo)

Eu nasci princesa
Em um lugar feito de sonhos
Mas o preço pela beleza
Foi servir

Me colocaram num castelo
Me trancaram numa torre
Se sou princesa
Por que eu chamo e ninguém ouve?

Foi quando eu percebi
Que eu só vestia o que me deram
Tudo que eu visto
São peles de outra pessoa
Gata, doce e comportada
Debaixo do carneiro, a leoa

Refrão

Eu quero ter minha própria voz
Ouvir meu grito ecoar
Mas com mil máscaras sobre mim
Como vou me libertar?

Se você pode me ouvir
Talvez eu também possa
Fazer essa torre cair
Com tudo o que você me mostra
Então me faça falar
Até eu poder me ouvir
E da última máscara me despedir
Quando ela voar
Com a força da minha voz

3 de novembro de 2019

O bom da Internet é que, da mesma forma que os assuntos surgem, eles também desaparecem de uma hora para outra. Minha entrevista no Noite Adentro já esfriou.

O que ainda não esfriou foi o clima de tensão aqui em casa. Meu pai não gostou de como falei com ele no telefone depois do programa e eu continuo chateada com a postura dele e irritada por ele esperar que eu peça desculpas. Ou seja, nenhum de nós cedeu e, portanto, mal conversamos.

Não estou fazendo birra, é só que não posso abaixar a cabeça. Se fizer isso, vou continuar permitindo ser tratada como um produto, como uma coisa sem sentimentos, opiniões e valores. Talvez uns meses atrás eu me questionasse, ficasse em dúvida se deveria ter agido de outra forma — e muito provavelmente me desculparia. Mas, agora, é como se eu visse as coisas por outra perspectiva e elas estivessem claras como nunca. Sei que, se tivéssemos outro tipo de relação, tudo seria mais simples de resolver — uma conversa expondo meus sentimentos bastaria. Mas como fazer isso, se meu pai não me dá essa abertura, se ele nunca me incentivou a falar o que penso e sinto?

Essa clareza inevitavelmente me faz concluir algo que eu acho que já sabia, mas ainda não tinha assumido: não quero mais manter a imagem da Yasmin, A Filha Ideal. Eu quero ser apenas a Yasmin, sem estigmas ou diretrizes de como ser. Eu quero mostrar para o mundo as músicas que estou compondo — e que estão fluindo de mim com cada vez mais naturalidade. Mesmo que, com isso, eu perca algumas pessoas que me acompanhavam; estou disposta a tentar. Até porque tenho certeza de que outras chegarão. Como é impossível agradar todo mundo, gostaria ao menos de agradar a mim. Só sendo sincera comigo é que vou conseguir me conectar de verdade com alguém.

Eu venho sendo guiada pelo medo a minha vida toda: medo de desapontar, medo de não atingir as expectativas do meu pai e do meu público, medo de errar, medo de perder minha credibilidade. E aonde esse medo me levou? Ele não fez nada além de me limitar.

Eu cansei de ter medo.

É por isso que vou marcar uma reunião com minha advogada e estudar o que posso fazer sem quebrar meu contrato com a Angel. Não quero sair por aí me envolvendo em escândalos, só quero meu direito de ser mais

autêntica. Não é pedir muito.

Então, vou fazer uma reunião com meu pai e informá-lo de que quero trabalhar minhas músicas autorais e estabelecer uma comunicação mais sincera com meu público — não só através das canções, mas também pelas redes sociais. Dessa vez, não vou pedir permissão e vou garantir que ele entenda que estou firme em minha decisão.

Meu estômago embrulha só de pensar nisso, porque sei que não será um confronto fácil. Ao mesmo tempo, sinto uma pontada de felicidade por imaginar tudo o que vou conquistar a partir disso — e é a essa sensação que estou me apegando. Se para conseguir o controle da minha vida eu preciso me sacrificar de algum modo, que assim seja.

E, para além de como conduzir minha carreira, o que quero na minha vida é o direito de escolher quem faz parte dela.

Eu preciso encontrar Alain. E não quero mais ter que escondê-lo.

6 de novembro de 2019

Parece bom demais para ser verdade, mas nós vamos finalmente nos encontrar!

Papai me avisou que vai viajar na semana que vem, na véspera do feriado. Como tenho um show por aqui dia 16, ele nem cogitou me levar com ele. E sinceramente, acho que ele quer dar um tempo para nós dois.

O ponto é: estarei sozinha!

Ao menos, tão sozinha quanto possível, considerando-se todos os funcionários e seguranças.

De qualquer forma, Roger concordou em me ajudar. Ele vai trazer Alain escondido no carro, ir embora e depois voltar para buscá-lo.

Também marquei a reunião com a advogada para depois de amanhã.

Tudo está se encaminhando!

8 de novembro de 2019

A reunião foi ótima!

Ficamos mais de duas horas estudando o contrato, procurando brechas e possibilidades. Ainda me incomoda a perspectiva de estar limitada em vários aspectos, como não poder, por exemplo, usar a roupa que me der na telha, mas ainda assim descobri que há uma área de flexibilidade em relação a coisas que eu posso fazer.

Não há nada me impedindo de cantar minhas músicas, mesmo que elas sejam diferentes das que interpretei até hoje, ou de me comunicar de maneira mais aberta com o público. Desde que eu não fale palavrões, não crie polêmicas nem me envolva em escândalos, posso ser mais como eu mesma.

Para começar, me parece bem promissor!

Acho que o maior obstáculo mesmo vai ser meu pai. Foi ele, desde o começo, incitado por Jafé, quem teve o receio de que mudar minha imagem pudesse me deixar mais distante daquilo que a Angel procura. Eu sei que esse risco ainda existe, mas perder o contrato não me parece assim uma ideia tão ruim...

Só o que me mantém presa a ele é meu senso de dever com papai. Perder o contrato afetaria os negócios dele. Ainda me dói pensar que eu possa prejudicá-lo de algum modo, porque não é essa minha intenção. É só que carregar a responsabilidade de não o levar à falência é um peso muito grande — e que não deveria ser meu.

Eu quero, sim, ajudar meu pai a reconstruir seu império. Mas não posso ser o único meio dele de conseguir isso.

12 de novembro de 2019

Falta muito para depois de amanhã chegar?

NA MIRA: MÚSICA

Yasmin cancela participação no Primavera Festival

por Nádia Luz em 15/11/2019 16h04

Acontece amanhã o Primavera Festival, com um line-up cheio de artistas nacionais. Yasmin era uma das atrações, mas sua assessoria divulgou uma nota para a imprensa essa tarde cancelando a participação da nossa princesa — um acontecimento um tanto quanto atípico da parte dela, que faz o possível para evitar a decepção dos fãs.

Ao que tudo indica, Yasmin está com faringite e não terá condições de se apresentar.

Estimamos as melhoras!

15 de novembro de 2019

Era para hoje ter sido um sonho.

Em vez disso, não consigo acordar do pesadelo em que minha vida se transformou desde ontem.

O silêncio, às vezes, conta uma história de respeito; outras, de cumplicidade e conforto. Hoje, contudo, ele só conta a história óbvia de solidão. Se eu tivesse sido mais esperta, teria aceitado a única lição que minha mãe me ensinou: a de que só posso contar comigo mesma.

Não sei se estou com mais raiva de Jafé, por ter colocado caraminholas na cabeça de meu pai; do meu pai, por ter dado ouvidos às caraminholas; de Alain, por ter mentido para mim; ou de mim, por ter acreditado nele.

Ao que tudo indica, Jafé estava de olho em mim desde minha conversa sobre a possibilidade de mudar minha imagem e estranhou meu comportamento nas últimas semanas, alertando meu pai sobre isso. Papai, de início, não deu muita bola, mas a entrevista no Noite Adentro e o estranhamento entre nós depois do programa fez com que ele prestasse mais atenção. Especialmente depois que ele soube da minha reunião com a advogada na semana passada.

Papai não veio conversar comigo sobre o que estava acontecendo. Não confiou que eu diria a verdade. Em vez disso, violou minha privacidade e tirou de mim meu único refúgio.

Ele encontrou meu diário e leu minhas confidências.

Nada do que escrevi aqui era para ter sido compartilhado, muito menos exposto.

Agora, sinto ainda mais raiva por continuar escrevendo em algo que jamais será um porto seguro como antes, mas que opção eu tenho?

A primeira coisa que o Sultão fez foi demitir Roger — e nunca vou me perdoar por ter causado isso a ele.

A segunda, foi investigar Alain.

Assim que ouvi os passos do meu pai entrando no anexo, não reparei em seu olhar de seriedade. Foi a pasta em suas mãos que me chamou atenção. Só quando ele me disse em um tom grave que precisávamos conversar foi que fiquei alerta.

Da poltrona perto da varanda, ele me encarava sentada na cama. Se aquela mesma cena estivesse acontecendo anos antes, talvez eu me sentisse

uma criança prestes a ouvir um conto de fada antes de dormir, mas a tensão percorrendo o ar me dizia que não haveria final feliz naquele dia.

— No que você estava pensando agindo pelas minhas costas?

Fiquei completamente muda.

— Eu sei das suas escapadas. Sei da sua reunião. Sei do seu casinho.

Cada palavra era um choque amortecendo meu corpo, a sensação de dormência sendo uma ilusão, um prenúncio da dor que estava por vir.

— Eu encontrei seu diário, Yasmin.

O que eu senti estava além da fúria por ter minha privacidade invadida; foi como se algo tivesse sido arrancado de mim.

Meus pensamentos não eram mais meus. Não havia lugar seguro o suficiente para onde eu pudesse correr.

Meu corpo se encolheu, em uma tentativa de meus braços me envolverem e conseguirem manter qualquer resquício de intimidade que pudesse ter me sobrado.

— Eu não estava agindo pelas suas costas. Eu ia te contar, só queria primeiro ter um planejamento mais concreto e estruturado...

Meu pai se fortaleceu com a fraqueza em minha voz e me interrompeu em um brado:

— E ia fazer isso como, trazendo um desconhecido para dentro de casa?

— Eu confio em Alain! — esbravejei, e não sei qual de nós dois se surpreendeu mais com a força inesperada que surgiu em meu tom mais alto do que o de papai.

Ele apenas balançou a cabeça, depois de abrandar o olhar de choque pela minha reação.

— Ele te enganou. Você não tem como saber o que ele estava planejando.

Então, me estendeu a pasta.

O primeiro papel me deixou confusa, porque era sobre Jafé, mas papai logo o pegou de volta, alegando que havia esquecido aquilo ali por engano. Foi só ao ver os seguintes que meu mundo desmoronou.

Quando assisti a *Matrix*, a pergunta que não saía da minha cabeça era qual pílula eu escolheria. Eu preferiria continuar vivendo a ilusão da Matrix? Ou iria querer descobrir a verdade por trás dela? Sendo sincera, sempre achei que ficaria com a azul, a que, se Neo tivesse escolhido, permaneceria no mundo virtual ilusório. Mesmo que eu continuasse vivendo em uma mentira,

ao menos ela seria minha realidade e eu viveria ignorante e feliz para sempre.

Hoje eu descobri que preferiria que não houvesse pílula alguma para ser escolhida. Agora, ciente da verdade, eu não desejaria voltar para meu doce mundo de mentiras, onde ouvia as canções que queria ouvir; ao mesmo tempo, não quero continuar vivendo essa realidade cinzenta e sem melodias.

Com todos os contatos de papai, não foi difícil conseguir informações de Alain e descobrir sobre sua vida. O primeiro sinal de alerta de meu pai soou ao ficar sabendo que ele não é filho único, como meus relatos indicavam.

Alain tinha um meio-irmão mais velho. Um irmão que morreu havia alguns meses em um acidente. Um irmão que também era músico e que tem diversas músicas registradas em seu nome.

Meu pai conseguiu uma gravação daquela noite do show de talentos e bateu com as composições do irmão.

Alain não cantou uma música de sua autoria.

Seu irmão é o gênio por trás das canções, e Alain é apenas um ladrão que se apossou delas.

Não me interessa se ele informou na inscrição do concurso que a música não era dele. Não me interessa se ele não tinha a intenção de cometer plágio e se assumir, depois, apenas como intérprete das músicas.

Alain mentiu para mim. Ele sabia o quanto suas músicas haviam mexido comigo e se aproveitou disso para se aproximar. Ele teve inúmeras chances de me contar a verdade, mas preferiu ficar com a glória para ele — o que seria ruim por si só, mas fica ainda pior pelo fato de o irmão dele não estar mais presente para se defender.

Meu Deus do céu, quem faz uma coisa dessas?

Porém, pior do que sua atitude no mínimo antiética, o que mais me doeu foi a constatação de que eu havia confiado nele, apesar do medo, mas não fui digna da mesma cortesia. Eu havia me despedido para Alain, literalmente, enquanto ele continuou guardando uma parte de si. Eu não sabia mais dizer se o conhecia.

— Você não tem como saber o que ele estava planejando — meu pai repetiu, fazendo eco aos meus pensamentos. Mas, então, ele continuou, e ainda consigo ouvir com precisão cada uma de suas palavras seguintes: —, nem a que ele estava disposto para chegar onde queria. Ele ia te usar, Yasmin. Talvez não fosse a ideia inicial, mas depois de saber quem você era? Ele não perderia essa oportunidade. — Fez uma pausa para que eu

assimilasse a informação antes de prosseguir. — Eu preciso ir embora, meu voo sai daqui três horas. Os seguranças foram orientados a inspecionar qualquer carro que entre, de funcionários ou não, e Roger não faz mais parte da equipe. Eles também só estão autorizados a liberar sua saída para o show e para os demais compromissos profissionais que especifiquei. Sua advogada gentilmente concordou em marcar novas reuniões apenas após entrar em contato comigo. Quando eu retornar, continuamos nossa conversa.

Que estúpida eu fui por acreditar que minha vida não era uma prisão.

Perdi a noção de quanto tempo fiquei na cama sem conseguir levantar, e só quando tive certeza de que ninguém me importunaria é que peguei meu telefone.

Pensei em ligar para Roger, mas não tive coragem. Ainda não consigo enfrentá-lo e encarar a merda que fiz em sua vida.

Então, tirei foto de um dos papéis da pasta que papai me entregou, o registro das músicas no nome do irmão de Alain, com uma foto dele anexada.

Tão amortecida quanto antes, enviei para o contato mais frequente da minha lista seguida das palavras “Nunca mais me procure”.

Bloqueei o número e aguardei a dor me atingir.

Agora, estou esperando que ela vá embora.

NA MIRA: MÚSICA

Por onde anda Yasmin?

por Nádia Luz em 24/11/2019 20h17

Yasmin não atualiza seu Instagram desde o último dia 13. Ela nunca havia passado tanto tempo assim longe das redes.

Por conta de uma faringite, nossa princesa também havia cancelado sua participação no Primavera Festival, que aconteceu dia 16, durante o feriado prolongado — outra atitude bastante atípica dela. Sua assessoria de imprensa informou que ela passa bem, mas não deu detalhes sobre esse súbito desaparecimento.

Será que está tudo bem em seu castelo? Estaria Yasmin precisando de nós?

Pensando nisso, criei a hashtag #ForçaYasmin e conto com vocês para ela bombar! Vamos enviar mensagens de amor para nossa princesa sentir que tem nosso apoio, seja lá o que estiver acontecendo?

1º de dezembro de 2019

Tentei me manter longe daqui. Sendo bem sincera, eu mal conseguia olhar para esse diário sem lembrar de tudo o que ele desencadeou.

Mas, então, os ânimos foram acalmando e, sem as emoções tão à flor da pele, comecei a raciocinar com mais calma. Onde eu estava com a cabeça querendo colocar toda a minha carreira a perder por uma crise de identidade?

Minha carreira pode continuar segura, para minha sorte, mas e todo o resto que perdi?

O trabalho e a amizade de Roger, a confiança de meu pai...

Fui egoísta, inconsequente e ainda parti meu próprio coração. Eu me permiti me apaixonar por alguém que eu sequer conhecia, era óbvio que me machucaria.

A primeira semana depois da descoberta de papai não foi fácil. Cancelei meus compromissos e me recusei a sair do quarto. Não queria ver nem falar com ninguém. Tenho sorte de o meu pai ter jogo de cintura para lidar com a situação. A mídia e a Angel não desconfiam de nada.

Ele também deu o espaço que eu precisava para processar meus sentimentos e, só quando chegou a hora, tomou as providências para me trazer de volta.

Era um domingo de manhã e eu, mais uma vez, não tinha ainda saído do meu anexo. Papai então bateu à porta e, como não respondi, girou a maçaneta. Ele entrou aos poucos, como que aguardando minha permissão, mas firme o suficiente para que eu soubesse que ele não sairia dali até ter terminado seja o lá o que tivesse ido fazer.

Sem dizer nada, ele se sentou em minha cama, ao meu lado, e abriu o laptop que havia trazido com ele. Havia um player de vídeo aberto, que ele maximizou antes de reproduzir.

Foram precisos poucos takes para que eu reconhecesse o documentário em comemoração aos meus quinze anos de carreira. O vídeo de mais ou menos uma hora traz uma compilação de diversos momentos da minha trajetória, além de cenas dos shows da turnê comemorativa — a maior da minha carreira.

É a história da minha vida.

Conforme as cenas se desenrolavam na minha tela, outro filme se passava em minha cabeça, com as lembranças de não só aqueles instantes, mas de tudo por trás deles e não documentados: os medos, os esforços, as

sensações de conquista.

Me lembrei das minhas origens, de quem sou.

Meu pai percebeu a lágrima que escorria em silêncio por meu rosto.

— Você sabe o que vejo quando assisto a esse vídeo, Yasmin?

Da mesma forma que ele não desgrudou os olhos da tela para me fazer a pergunta retórica, eu também não me movi.

— Eu vejo esforço, dedicação. Eu vejo uma garota extremamente talentosa que sempre soube o que queria e não mediu esforços para conquistar. Eu vejo a doçura de quem sabe ser gentil com qualquer um que passe por seu caminho, porque é guiada por um coração que transborda amor. Eu vejo você, minha filha, e não tenho dúvida alguma de que essa é sua essência.

As palavras de papai me tocaram lá no fundo.

E me trouxeram de volta.

Depois daquele dia, recobrei o ânimo. Aos poucos, a tristeza foi me deixando e fui inundada pela gratidão: por ter a chance de trabalhar com o que amo, por não ter perdido meu trabalho, por ser cuidada por um pai capaz de fazer tudo por mim, por ter um público que me reverencia.

A ingratidão não havia feito nada por mim, exceto me prejudicar. Estava na hora de enxergar as coisas por outra perspectiva.

Agora, o que me resta é lidar com as consequências das minhas escolhas dos últimos meses e seguir em frente.

Só tive coragem de ligar para Roger na semana passada, e ele aceitou me receber para conversarmos. Eu preciso me desculpar pessoalmente. Meu pai jamais confiará nele de novo para recontratá-lo, mas, se eu não posso ter meu assistente de volta, quero manter meu amigo.

E sobre Alain...

Quanto mais eu penso nisso, mais certeza eu tenho de que também precisamos de uma última conversa.

Eu preciso que ele me conte a versão dele dos fatos, que me diga o porquê de ter mentido. Preciso saber se ele é corajoso o suficiente para admitir que estava me usando e preciso de garantias de que ele não vai vazar as fotos que enviei. Ainda não acredito que me arrisquei desse jeito, fico enjoada só de pensar no que poderia acontecer se ele me expusesse...

Não vou mentir, é claro que ainda tenho sentimentos por ele apesar de tudo, nossa conexão — ou ao menos a que eu sentia — foi forte demais para desaparecer de uma hora para outra. Mas, agora, entendo melhor que se

tratou muito mais do anseio de uma garota querendo ser amada, do que uma história de amor verdadeira.

Bom, eu precisava saber como era me apaixonar de verdade. Nas próximas vezes que eu cantar as músicas que compuserem para mim sobre o assunto, não terei dúvidas da sinceridade dos meus sentimentos sobre elas.

9 de dezembro de 2019

Afinal, Alain acabou com meu dilema.

Tomei coragem de desbloquear seu número e, para minha surpresa, recebi uma ligação no dia seguinte. Fiquei na dúvida se atenderia, mas achei melhor arrancar a casca da ferida de uma vez.

Ele pareceu surpreso quando atendi. Disse que vinha tentando me ligar todos os dias, na esperança de que eu o tivesse desbloqueado. Então me implorou para que eu o encontrasse.

Falei que ia pensar, e foi o que fiz. Eu sabia que precisava de um encerramento, mas queria fazer as coisas do jeito certo dessa vez. Assim, conversei com papai, expliquei o que vinha sentindo e perguntei se ele me permitia encontrá-lo. Ele ficou hesitante, mas eu o convenci com o argumento de que Alain tinha minhas fotos.

Então é isso. Depois de amanhã vou ouvir o que ele tem a me dizer, colocar um ponto final nessa história e, depois, esquecer que um dia conheci alguém chamado Alain.

NOTÍCIAS

Almir Abdala, o Sultão, retoma império

por Portal Notícias em 10/12/2019 13h23

No meio deste ano, a vida do empresário Almir Abdala sofreu uma reviravolta. Depois de um investimento malsucedido na bolsa, viu-se na obrigação de vender quase todas as suas ações da Ágrah, empresa que fundou junto de Jafé Santiago, para o sócio, que se tornou desde então o acionista majoritário da empresa. O que ninguém esperava é que o “investimento malsucedido”, na verdade, tivesse sido muito bem arquitetado.

Jafé Santiago foi preso na manhã desta terça-feira pelo crime de Uso Indevido de Informação Privilegiada, mais conhecido como *Insider Trading*. Favorecido de informações privilegiadas, aconselhou o sócio a comprar as ações que quase o levaram à falência, de maneira a se beneficiar com o desenrolar de toda a história.

Segundo Abdala, ele começou a suspeitar do sócio ao descobrir que Jafé vinha se envolvendo com os compromissos de Yasmin, filha de Almir e sua única representada desde o início do caos. “O combinado entre nós sempre foi o de não nos envolvermos com os clientes do outro, a não ser em casos de necessidade. Como ela [Yasmin] estava representando uma grande conta [referência à marca norte-americana Angel], Jafé queria acompanhar de perto o andamento desse contrato, provavelmente para me extorquir mais uma vez no futuro. Eu estranhei as atitudes dele, especialmente por ter arranjado uma entrevista para minha filha às escondidas, e comecei a juntar as peças. Então resolvi investigar.”

Com a prisão de Jafé e suas ações sendo contestadas, Abdala retomou a posse de suas ações da Ágrah, bem como os clientes de Jafé, que, após julgamento, poderá sofrer pena de 1 (um) a 5 (cinco) anos de reclusão e multa de até 3 (três) vezes o

montante da vantagem ilícita obtida em decorrência do crime, conforme prevê a legislação.

Yasmin, A Filha Ideal, é flagrada sem roupa em carro com desconhecido

por Fábio Alcântara em 12/12/2019 07h59

Poucos meses atrás, escrevi uma matéria para a edição física da Faces na qual chamava Yasmin, artista da Ágrah, de “A Filha Ideal”. Meus argumentos para isso se deram não apenas por sua aparência e voz doces, mas principalmente por um comportamento exemplar em toda sua carreira: Yasmin nunca figurou em nenhum escândalo.

Até hoje.

A cantora foi vista na noite de ontem sem blusa, apenas de sutiã, aos beijos *calientes* com um rapaz não identificado. Em uma das fotos, é possível vê-lo com a mão sobre o seio dela e o rosto em seu pescoço. Yasmin, de olhos fechados e cabeça para trás, estava visivelmente aproveitando o momento.

Sem intenção de fazer nenhum julgamento moral, fica claro que o título de “A Filha Ideal” talvez não seja mais uma boa aplicação à Yasmin, já que nenhum pai gostaria de ver uma foto da filha nessas condições. O questionamento que nos fica agora é se esse foi um mero deslize ou se é apenas a primeira vez que algo vazou para a mídia. Será que Yasmin nunca foi quem pensamos ser, ou ela é, a partir de agora, uma nova Yasmin?

NA MIRA: MÚSICA

Yasmin aos beijos!

por Nádia Luz em 12/12/2019 10h09

Minha profissão de fã de Yasmin não me preparou para esse momento, mas ele aconteceu: nossa princesa mostrou que não é feita de cristal, mas é tão humana quanto nós.

Hoje acordamos com o furo da Faces, que flagrou Yasmin em uma situação um tanto quanto comprometedora, sem blusa e aos beijos com um desconhecido.

Por mais surpresa que eu tenha ficado com as imagens — porque, vamos combinar, elas não são nada típicas do histórico da cantora —, como mulher e sua fã, não posso deixar de levantar a questão: será que a situação merece tanto alarde assim?

Os comentários sobre a conduta dela já estão pipocando aos montes pelas redes sociais, e é triste constatar, mais uma vez, o peso de circunstâncias como essa na vida de uma mulher. Ninguém está questionando o caráter do rapaz-do-qual-ainda-não-sabemos-o-nome-mas-é-tão-responsável-pelo-ato-quanto-ela, mas perdi as contas de quantos “afinal, ela não é tão boazinha assim” eu li por aí.

Não estou falando para ninguém sair por aí cometendo crimes de ato obsceno — o que nem chegou a ser o caso de Yasmin —, mas que atire a primeira pedra quem nunca deu uns amassos dentro de um carro. Se for para sermos condenados por isso, então a maior parte de nós definitivamente não presta. No caso dos dois pombinhos desta matéria, eles só tiveram o azar de estar no lugar errado e na hora errada — porque não quero nem cogitar a hipótese de a minha princesa ter sido usada e o flagra ter sido armado por ele.

Espero que Yasmin receba o apoio que merece, porque com certeza a notícia de hoje trará consequências para sua

imagem e carreira.

Atitude de cantora pode atrapalhar contrato

por Portal Notícias em 12/12/2019 12h43

A cantora Yasmin foi flagrada em uma situação bastante constrangedora na noite de ontem. Apesar do seu histórico um tanto pueril, a artista foi vista recebendo carícias de um desconhecido em um carro, utilizando, da cintura para cima, apenas uma lingerie.

Não é a primeira vez que vemos uma notícia dessa sobre uma celebridade, mas nada semelhante havia acontecido com Yasmin antes. Exatamente por ser conhecida por sua conduta de boa moça, a marca de roupa estadunidense Angel convidou a cantora para representá-la no Brasil.

Nem a marca nem a artista se pronunciaram até o momento, mas, com a atitude de ontem, é possível que haja desdobramentos negativos para a cantora, uma vez que o flagra a coloca em uma posição que conflita diretamente com a imagem defendida pelos representantes da Angel. O mínimo a se esperar é um pedido de retratação — o que seria bastante justo, dado o ato inconsequente e imoral —, mas as repercussões dependerão daquilo que havia se acordado via contrato.

Flagra de Yasmin reforça a hipocrisia social

por Samuca em 12/12/2019 15h12

Estou desde de manhã pensando em como fazer esse post, porque eu sabia que não poderia me abster de me posicionar, mesmo que esse não seja meu lugar de fala — então não deixem de ler também esses posts [aqui](#), [aqui](#) e [aqui](#), escritos por mulheres, que têm muito mais propriedade do que eu sobre o assunto. De qualquer forma, eu não queria vir aqui apenas para repetir o que todo mundo está dizendo e que você pode encontrar em qualquer site de notícias: Yasmin foi flagrada etc. etc. etc.

Ninguém pode dizer se o que ela fez foi certo ou errado. O ponto é que ela fez, como direito dela, dentro de suas escolhas e liberdades, e o verdadeiro questionamento não deveria ser o fazer ou não, mas a repercussão que sua atitude teve.

Por que ainda fazemos um barulho tão grande quando uma mulher exerce seu direito à sexualidade? Que diferença faz se Yasmin estava dentro de um carro ou se estivesse em seu quarto? É verdade que o automóvel estava estacionado em uma via pública, mas não havia ninguém além do fotógrafo presente — sem contar que ela e o amante estavam dentro de uma propriedade particular. E, vejam bem, o assunto é o que Yasmin fez, não o que ela e o rapaz fizeram — e acho que o foco nela tem menos a ver com seu status de celebridade do que com seu gênero.

Há rumores sobre como esse episódio pode afetar sua carreira, e eu sinceramente espero que ele não faça grandes estragos, em termos de negócios ou no abalo emocional/psicológico que podem causar nela.

Identidade de amante de Yasmin é revelada

por Fábio Alcântara em 15/12/2019 11h44

O assunto da semana foi o flagra da cantora Yasmin em um carro com um desconhecido e, entre vários questionamentos que surgiram, o maior de todos com certeza foi: “Mas quem é ele?”

Nossa revista foi atrás de informações para solucionar o mistério e hoje traz respostas!

Alain, 26 anos, é também cantor, que realiza apresentações amadoras pelos bares da cidade. Com cidadania dupla, franco-brasileira, morou a maior parte da vida na França, país de origem de seu pai, apesar de ter nascido no Brasil. Ele retornou ao país nos últimos meses, quando deve ter conhecido Yasmin.

Fomos atrás dos dois para conseguir uma declaração, mas ambos preferiram não se pronunciar.

Enquanto permanece o mistério sobre como o caso amoroso começou — e se ele continua! —, deixamos aqui algumas fotos e vídeos retirados das redes sociais de Alain, onde ele compartilha seu trabalho.

NOTÍCIAS

Angel desfaz contrato com Yasmin

por Portal Notícias em 21/12/2019 16h02

A marca estadunidense Angel anunciou em uma nota hoje o fim do contrato com a cantora Yasmin, que havia sido escolhida para representá-la no Brasil.

A quebra se deu após o escândalo envolvendo Yasmin e o cantor amador Alain, flagrados em uma situação constrangedora na última semana.

Ainda não há informações sobre quem substituirá a cantora.

NOTÍCIAS

Cris Novaes é a nova empresária de Yasmin

por Portal Notícias em 29/12/2019 20h13

As reviravoltas no caso Yasmin não param. Dessa vez, a notícia é que a cantora não mais é representada pela Ágrah, empresa de seu pai, que trabalha sua carreira desde o início. Cris Novaes, que também representa Mila Santana, é a nova empresária da artista. A empresa tem estado em destaque nos últimos meses, depois da prisão de Jafé Santiago, um dos fundadores da Ágrah junto com o ex-sócio e pai de Yasmin, Almir Abdala. Com a saída da cantora, ainda não é possível prever os desdobramentos para a empresa.

Em nota, Yasmin agradeceu o excelente trabalho que seu pai sempre fez por ela, mas que foi necessário optar por novos caminhos, deixando claro que, embora desfeita a parceria comercial, o elo familiar permanece.

Almir Abdala não se pronunciou até o momento.

Alain é o novo artista da Ágrah

por Fábio Alcântara em 09/01/2020 11h44

Se foi uma surpresa o anúncio de que Yasmin não era mais artista da Ágrah, a revelação de que o mais novo contratado da empresa de seu pai é Alain com certeza deixou a todos nós chocados. Quem esperaria que o Sultão empregaria justamente o homem que colocou sua filha em uma situação tão delicada?

Porém, se formos pensar friamente, a decisão de Almir Abdala era esperada. O empresário é conhecido por seu tino para os negócios e, com o rapaz em alta, seria um desperdício não se aproveitar do momento.

“Alain tem um talento que vi em poucos jovens ao longo da minha carreira” disse o empresário em entrevista à Faces. “Sua voz combina emoção, profundidade e presença de maneira capaz de cativar a todos. Seria injusto não reconhecê-lo apenas por as condições que o apresentaram a mim não terem sido das mais favoráveis.”

Abdala afirmou ter começado a trabalhar o primeiro álbum de Alain. “Ainda não queremos dar muitas informações, mas são músicas muito importantes para ele e com uma forte conexão com sua história de vida.”

Já estamos todos ansiosos pelo que está por vir!

Divulgada primeira música de Alain

por Nádia Luz em 26/08/2020 11h03

Impossível se esquecer do bafafá envolvendo Yasmin e Alain no final do ano passado, não é mesmo? Entre as muitas reviravoltas, esteve a contratação do cantor, até então desconhecido, pela empresa que sempre representou Yasmin, fundada por ninguém menos que o pai dela — e também a saída da cantora da Ágrah.

Desde então, estivemos todos mega ansiosos pela divulgação do trabalho de Alain, que precisou ser adiada por conta da pandemia no primeiro quadrimestre. Segundo Almir Abdala, as gravações já haviam começado quando as medidas de isolamento social foram anunciadas, interrompendo o projeto e deixando todos nós na expectativa. Mas, desde que as atividades foram retomadas, a produção está a mil por hora para que o álbum seja lançado no próximo mês. Enquanto isso, o empresário nos deu um presente: liberou na plataforma de streaming Espot o primeiro single do cantor!

Preciso confessar que Alain já era um *crush* desde que suas primeiras fotos foram divulgadas, mas agora, ouvindo sua voz no *repeat* S-E-M P-A-R-A-R, estou definitivamente apaixonada e invejando Yasmin naquele carro até minha quinta geração.

“Outra Vez”, além de linda, fica ainda mais emocionante conhecendo seu histórico: foi escrita pelo irmão mais velho de Alain, que era compositor e faleceu no último ano em um trágico acidente. Segundo o último post do cantor no Instagram — que me levou às lágrimas, devo dizer —, o álbum será um tributo ao irmão, contendo apenas as músicas escritas por ele.

“Devo tudo ao meu irmão. Além de ter sido o melhor exemplo e parceiro que eu poderia ter, ele mudou minha vida

após sua morte. Se estou aqui hoje, foi porque suas palavras me guiaram. É meu dever mostrar ao mundo o homem incrível e talentoso que ele era.”

Onde se candidata para ser mãe dos filhos de Alain?

Outra Vez

Composição: Álvaro Luz/Intérprete: Alain

Outra vez
Eu caminho pela rua
Nos ecos de hoje de manhã
Em cada encruzilhada,
Só encontro a palavra errada
Risadas, risadas, risadas

A cidade me pergunta
Qual o caminho a seguir?
A resposta que as ruas murmuram
São os segredos
Que eu não pedi

Andei tanto
E voltei aqui
Estou perdido?
Ou não quis sair?

Os prédios ao redor
São um cenário conhecido
Por tanto tempo, meu abrigo
Mas talvez tenha chegado a hora
Dessas ruas abrigarem os rastros dos meus passos

Quando eu encontrar
Esse novo lugar
Vou olhar para trás e sorrir
Outra vez

Divulgado novo single de Yasmin

por Nádia Luz em 19/09/2020 13h03

PARA TUDO QUE ESSE MOMENTO É MEU!

O momento pelo qual eu mais esperei nos últimos meses chegou: saiu a música nova da minha princesa!

O single “Identidade” é parte do novo álbum homônimo de Yasmin e era aguardado pelos fãs com muita expectativa. Desde os escândalos que envolveram a cantora no ano passado, Yasmin sumiu da mídia, com raríssimas aparições em suas redes sociais e mostrando muito pouco de como anda sua vida. O pouco que ficamos sabendo é que ela não mora mais com o pai, começou a fazer um curso à distância de graduação em psicologia nesse segundo semestre e vinha se dedicando com fervor ao seu novo projeto.

São tantas as coisas que quero comentar que nem sei por onde começo. Talvez o mais sensato seja: pelo começo. Falemos da capa escolhida para *Identidade*.

Esqueçam os tons pasteis e o ar doce que sempre caracterizou os álbuns de Yasmin. Se a fonte em caixa alta sem serifa escolhida para o título não passa a mensagem gritante de que estamos frente a algo inédito na carreira da cantora, a foto em preto e branco deixa as coisas bem claras. Sentada de costas, usando nenhuma peça de roupa, Yasmin nos encara por cima do ombro com um olhar que exclama “desafio”.

Não há nada do corpo de Yasmin exposto, sua nudez está longe de ser intencionalmente sexualizada; o que se deseja dizer é pura e simplesmente “estou aqui como sou”.

Foi uma das capas mais fortes e bonitas que já vi na minha vida.

Não bastasse o impacto trazido pela imagem, quase caí para trás ao descobrir que esse será um álbum com composições 100% autorais, outra novidade na carreira da

artista, que até então interpretava canções compostas para ela.

Então falemos do single que dá nome ao álbum!

“Identidade” é diferente de tudo que Yasmin já cantou. Esqueça as batidas repetidas e as letras adolescentes. Quem fala agora é uma mulher em fase de descoberta, sem medo de assumir quem é durante — e após! — esse processo. Além de ter adorado a combinação dos versos com a melodia, a música me soou muito mais sincera e verdadeira do que seus outros trabalhos.

Definitivamente, Yasmin está em uma nova fase, em nada ligada à sua antiga alcunha de “A Filha Ideal” — e algo me diz que só agora conheceremos todo seu potencial como artista.

Minha princesa voltou com tudo, e ainda melhor!

O fim definitivo d'A Filha Ideal

por Fábio Alcântara

Há apenas um ano, Yasmin anunciava seu novo contrato com a Angel e firmava sua posição como boa moça no cenário musical. Nos últimos nove meses, as reviravoltas foram tantas que nos perguntamos como foi que tudo tomou um rumo tão inesperado.

Depois de ter se envolvido em um escândalo sexual, perdido o contrato, demitido o próprio pai e contratado uma empresária assumidamente feminista, Yasmin sumiu da mídia, deixando a todos nós com dúvidas sobre seus rumos. O romance com Alain, que ficou conhecido por conta de sua participação no escândalo, não sobreviveu à fatídica noite no carro, e agora os artistas seguem seus trabalhos separadamente, mas ainda em uma espécie de relação simbiótica.

Pouco depois da Ágrah lançar o álbum de Alain, foi anunciado o single de Yasmin. As divulgações parecem ter impulsionado uma à outra e, embora Almir Abdala e Cris Novaes afirmem não terem trabalhado em conjunto a estratégia de marketing, ela parece ter sido bem eficaz.

Se o trabalho de Alain demonstra sensibilidade e talento, o álbum *Identidade* nos faz questionar se Yasmin fez as melhores escolhas. Suas músicas autorais, que em nada remetem à doce cantora de antes, parecem uma tentativa de desabafo ritmada, um esforço de uma jovem mimada querendo ir além das aparências. Isso para não mencionar a capa completamente apelativa, que não revela muita coisa, mas deixa muito para nossa imaginação.

Yasmin já havia perdido o título de A Filha Ideal desde que foi constrangedoramente descoberta naquele carro. Agora, ela também deixa para trás a carreira que construiu ao longo de vinte anos.

Espero que tenha sorte nessa nova etapa.

A quietude invadindo minha sala me avisou que eu havia passado as últimas horas imersa em meu diário de anos atrás e já anoitecera.

Esfreguei os olhos em uma tentativa de que minha TV entrasse em foco. Inútil. Eu não poderia mais adiar minha ida ao oftalmo — a pontada incômoda em minhas têmporas concordava.

Não consegui me levantar do sofá, paralisada não só pelas memórias, mas pela percepção de como tudo o que escrevi nesse diário havia moldado minha realidade. As palavras eram, de fato, poderosas o bastante para isso.

Não fossem os meus desabafos, meu pai não teria percebido que Jafé estava me sondando e armando, pelas costas dele, situações como a do Noite Adentro e não teria dado início às investigações que culminaram em sua retomada da Ágrah. É claro que alguém como Jafé, no Brasil, tendo dinheiro e influência, não ficaria preso por muito tempo, mas ao menos meu pai pôde se livrar da sociedade que quase o destruiu. Fiquei sabendo, há pouco tempo, que Jafé estava retomando suas atividades, mas preferi não me informar dos detalhes.

A questão é que tudo aquilo aconteceu em um *timing* perfeito.

Nunca vou me esquecer da manhã de domingo em que papai se sentou ao meu lado e me mostrou o documentário sobre meus quinze anos de carreira. Não é incomum que eu encontre suas palavras exatas ressoando em minha mente de tempos em tempos.

“Você sabe o que eu vejo quando assisto a esse vídeo, Yasmin? Eu vejo esforço. Eu vejo, dedicação. Eu vejo uma garota extremamente talentosa que sempre soube o que queria e não mediu esforços para conquistar. Eu vejo a doçura de quem sabe ser gentil com qualquer um que passe por seu caminho, porque é guiada por um coração que transborda amor. Eu vejo você, minha filha, e não tenho dúvida alguma de que essa é sua essência.”

Ele estava certo — hoje, mais do que nunca.

Eu só não assimilei sua opinião da maneira que ele gostaria, quando me disse aquilo. Mesmo que, por algumas semanas, eu o tenha feito acreditar que sim.

Meu pai acreditou que meu choro ao contemplar as imagens da minha

carreira fosse uma percepção da vida que eu havia conquistado e estava questionando, e eu o deixei pensar isso porque seria bom para mim que ele contasse com o fato de que eu havia aceitado as coisas como eram. Mas, na minha cabeça, a história sendo contada pelos registros era outra.

Eu havia, sim, sido aquela garota: a Filha Ideal. Contudo, em algum momento daqueles últimos meses, eu havia deixado de ser. Como uma estrela cadente, meu deslocamento havia sido tanto que era impossível retornar ao lugar que costumava ser meu^[1]. E eu não podia continuar daquela forma, senão estaria aceitando interpretar o papel de ser a minha versão do passado.

E havia, ainda, outro motivo para as minhas lágrimas. Eu estava me dando conta de que a resistência de papai em aceitar a mudança da minha imagem — a minha mudança — não era meramente pelo medo de perder meu público. Meu pai não queria encarar que eu havia crescido; acima de tudo, não queria perder a influência e o controle sobre mim. Para ele, seria sempre muito mais cômodo se eu concordasse com tudo o que ele dissesse.

Assim que fiquei sozinha, comecei a elaborar meu plano.

Eu precisava descobrir como demitir meu próprio pai. Para isso, eu sabia que romperia o contrato com a Angel, já que ele havia sido firmado com a Ágrah, então precisava tomar decisões que não prejudicassem meu pai; afinal, ele ainda dependia do dinheiro.

Eu também tinha noção de que, sem papai, eu precisaria de alguém para substituí-lo. Essa, entretanto, era a menor das minhas preocupações, porque eu sabia exatamente quem eu gostaria que trabalhasse para mim. A ideia vinha rondando meus pensamentos desde a noite no bar, mas foi só ali que me permiti assumi-la. Não foi difícil conseguir, on-line, o contato de Cris Novaes, só precisei ser mais cuidadosa ao falar com ela sem ser descoberta — ao menos o chip pré-pago meu pai não tinha tirado de mim. Nossa conversa começou em tom informal, até eu casualmente perguntar se, havendo a possibilidade no futuro, ela aceitaria trabalhar comigo. Ela pareceu surpresa, mas disse que achava a ideia bastante interessante.

Agora, olhando para trás, não sei dizer o quanto dos acontecimentos seguintes foram golpe de sorte, se eu apenas havia me permitido estar mais alerta aos sinais ao meu redor ou se de fato existe uma ação do destino em jogo, fazendo com que as coisas sejam como devem ser.

Em um dia daquela semana, cheguei ao escritório de meu pai, na casa principal, e o ouvi no celular com alguém. Ele falava baixo, mas meus ouvidos eram atentos o suficiente para que eu conseguisse captar as

principais palavras, e entendi que o assunto tinha a ver com Jafé.

Foi como um clique. Na mesma hora, lembrei do papel que estava por engano na pasta que papai me entregara duas semanas antes. Havia alguma coisa acontecendo.

Nos dias que se seguiram, aproveitei cada oportunidade para procurar pistas pelo escritório de papai quando ele não estivesse presente. Como ele era cuidadoso e, provavelmente, mantinha as principais evidências em seu computador, demorei para encontrar o que precisava — mas encontrei. Ele estava investigando Jafé e estava prestes a ter as provas finais de que o ex-sócio havia utilizado informações sigilosas para prejudicá-lo no investimento.

Quando vi aquilo, entendi que era a chance de que eu precisava. Meu pai retomaria a Ágrah e não dependeria mais nem de mim, nem do meu contrato.

Foi como se um peso tivesse sido tirado das minhas costas.

Contudo, ele foi rapidamente substituído pela apreensão. Eu não tinha mais motivos para não agir.

Eu estava prestes a tomar as escolhas que mudariam minha vida para sempre e sabia que elas não seriam fáceis.

Meu pai não aceitaria ser demitido por mim sem contestar, então eu precisava dar um motivo a ele. Eu tinha que quebrar o contrato com a Angel e sabia exatamente como fazer isso.

O primeiro cuidado que tomei foi garantir que papai voltasse a ler meu diário para se tranquilizar de que eu realmente havia voltado a ser sua filha obediente. A facilidade com que as mentiras das últimas páginas saíram de mim são, hoje, a prova de que eu havia me colocado como prioridade em minha própria vida. Eu o fiz acreditar que estava arrependida, que não havia ainda falado com Roger — o que eu já tinha feito, assim que meu surto de autopiedade do feriado passou. Depois de muitas lágrimas e desculpas da minha parte, meu amigo me tranquilizou de que, afinal, fora ele quem escolhera me ajudar. Ele era adulto e tomou as próprias decisões, ciente do risco que corria. Então confessou que havia algum tempo vinha repensando a profissão, que, por mais que adorasse trabalhar comigo, não foi com aquilo que havia sonhado. Ele vinha flertando com a ideia de abrir a própria empresa e acha que, inconscientemente, encarou me ajudar na expectativa de ser descoberto. Mesmo não sendo fácil, admitiu não se orgulhar de não ter tido coragem de pedir demissão e que estava satisfeito com como as coisas se desenrolaram para ele. Hoje, ele está bastante feliz com sua empresa de

promotoria de eventos.

Mas, analisando bem, além das mentiras que escrevi, também existiam meias verdades que, pelo contexto, levariam papai a crer no que ele queria e não no que eu realmente estava dizendo.

Por exemplo, eu precisava daquele último encontro com Alain, pelos motivos que aleguei e por aqueles que omiti. Ele não fazia ideia de que estava indo para uma armadilha, quando aceitou me encontrar — uma armadilha que foi muito fácil de preparar consumida como eu estava pela raiva em que minha tristeza de antes havia se transformado.

Depois do meu comportamento exemplar das últimas semanas, foi fácil fazer papai acreditar que Alain havia me ligado, e não o contrário. E como ele estava convencido do meu bom comportamento, ficou com pena quando implorei para que ele me deixasse usar um de seus carros sem os seguranças; afinal, aquele momento exigia privacidade.

Quando cheguei ao mirante, o lugar onde eu havia sido tão feliz dois meses antes, Alain estava me aguardando, encostado em sua moto. Eu tremia — pela mágoa que ele havia me causado, pelo alívio traidor que me inundou ao vê-lo, pelo nervosismo do que faria a seguir.

Pisquei o farol e ele caminhou até mim.

O silêncio dentro do carro, depois que ele bateu a porta, contou a história de todas as palavras não ditas entre nós.

Eu estava magoada por ele ter mentido para mim sobre algo tão importante.

Ele estava ressentido por eu tê-lo afastado sem lhe dar chances de se defender.

Nós dois estávamos ansiosos, mas por motivos diferentes.

Quando ele começou a explicar que não pretendia mentir, mas não soube como lidar ao perceber que eu havia criado uma conexão com ele a partir das músicas, ouvi seu desespero em ser perdoado. Alain havia se apaixonado por mim, como eu havia me apaixonado por ele e temeu me perder, se contasse a verdade. Mais do que tudo, ele temia não ser suficiente para mim se eu descobrisse que ele não era tão genial quanto o irmão.

Pela primeira vez desde que tomara minha decisão, vacilei. Em algum momento entre aquelas palavras, minha raiva havia me abandonado. Eu continuava ressentida pela mentira de Alain e ainda achava que o que ele havia feito era imperdoável.

Mas será que realmente era?

Mesmo que eu tivesse ido até ali com um objetivo, naquele instante, tive a opção de escolher. Eu poderia ter ido embora, preservado a mim e a Alain e dado uma chance a nós dois de tentar mais uma vez, ou poderia ficar e destruir aquilo que mal havíamos começado.

Eu fiquei.

E fiz Alain acreditar que eu o perdoara, apesar de estar magoada, que minha paixão por ele era maior do que tudo. Eu me desculpei por tê-lo bloqueado, mas expliquei que havia sido necessário para eu processar o que estava sentindo.

Em partes, era verdade, mas a intenção por detrás daquilo não era sincera.

Não precisamos de esforço algum para nos rendermos aos beijos que estávamos desesperados para trocar. Alain ainda tentou nos refrear quando as coisas começaram a esquentar, lembrando que eu não estava disfarçada e que estávamos em um lugar público.

Eu o calei puxando-o para ainda mais perto de mim.

Eu sabia que não precisava ir muito além, que tirar minha blusa seria o bastante.

Quando abri os olhos e vislumbrei o sinal de positivo do fotógrafo da *Faces*, estrategicamente posicionado onde havíamos combinado, soube que estava feito. Se fora aquela revista a responsável por me definir como A Filha Ideal, que fosse ela também quem destruísse o apelido.

Fingi recobrar a consciência e pedi que Alain parasse.

Doeu quando ele se afastou. Eu sabia que ele não se aproximaria de novo.

Perguntei se poderíamos ir com calma e encontrar uma forma de seguirmos a partir dali. Ele concordou e, me dando um último beijo, voltou para sua moto.

Alain ainda aguardou que eu desse partida, porque, é claro, ele não me deixaria ali sozinha. Pela distância e pela baixa iluminação, ele nunca pode ver as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Eu o usei e me aproveitei dos seus sentimentos para quebrar o contrato, fazendo com que ele acreditasse que nosso encontro era um recomeço para nós.

Quando ele percebeu o que havia acontecido com o desenrolar do dia seguinte, tentou falar comigo, tentou entender por que eu não havia sido sincera.

Nenhuma das minhas respostas seria boa o bastante, nenhuma delas

traria o conforto que ele buscava. Então me limitei a dizer: “Porque precisei que fosse assim.” Ao silêncio que se seguiu, pigarreei e acrescentei: “Aqueles fotos... Minhas. Ainda existem?”

Ele soltou uma risada irônica de quem não acreditava que eu havia feito aquela pergunta e me garantiu que eu poderia ficar despreocupada.

No fundo, eu sabia que ele não me prejudicaria.

Demitir meu pai depois de todo o escândalo foi muito mais fácil; ele havia percebido que me perdera e que não sabia mais do que eu era capaz, além de estar irritado demais por ter sido enganado — sua cara ao ouvir de mim que eu arranjara o flagra ao invés de ter sido vítima dele, como ele acreditava ao irromper no meu anexo aquela manhã, foi impagável. Eu procurei, então, uma forma de me redimir com Alain: sugeri que papai o contratasse. Ele era talentoso, estava sob os holofotes, tinha uma história trágica que poderia ser aproveitada para ter sucesso com a mídia. Por mais que meu pai mal suportasse dizer o nome de Alain, foi obrigado a admitir que eu estava certa. Alain, por sua vez, ou estava com raiva demais do mundo para se importar ou talvez não tivesse um orgulho assim tão grande, já que não demorou muito a aceitar a proposta que, um dia, sonhara em receber apenas por méritos próprios.

Era o dinheiro, outra vez, falando mais alto.

O resumo é que eu manipulei todos ao meu redor para conquistar minha liberdade. Em retrospecto, eu não teria feito nada de diferente, mesmo que sinta por ter sacrificado um amor que não voltei a experimentar, mesmo depois de cinco anos. Hoje, talvez, eu fosse capaz de encontrar outras soluções. Contudo, naquele momento e naquelas condições, eu só via uma saída.

Com a decisão daquela noite, eu me tornei mais ciente do que nunca de que cada escolha tem suas consequências, e eu arqueei com cada uma delas: seja pelas pessoas que afastei, pela inocência perdida, pela imagem que precisei reconstruir praticamente do zero, ou por todas as críticas com as quais fui atacada. A questão é que falariam de mim independentemente do que eu fizesse; se era para ser assim, que, ao menos, eu estivesse em paz com minha consciência, agindo alinhada com aquela que descobri ser. Eu fiz o que fiz porque entendi que era a única responsável pela minha vida, e mais ninguém prezaria pelos meus interesses pelos mesmos motivos que eu. O preço de estar no comando das minhas decisões foi alto — mas eu o pagaria de novo.

Ainda assim, seria mentira se dissesse que minha garganta não se apertou quando encontrei no diário um frescor perdido para sempre. Aquela ingenuidade, parte da visão de quem ainda não enxergou a realidade com a frieza que ela pede, havia ficado para trás. Meu diário registrou meus últimos momentos antes de adentrar a vida adulta.

Parte de mim sente falta principalmente daquela capacidade de amar sem reservas. Em nenhum dos homens que vieram depois de Alain, encontrei aquela ligação, a sensação de que o mundo era um lugar repleto de possibilidades. Meus relacionamentos eram acompanhados de uma reserva, de um receio analítico e calculista que me fariam primeiro sondar o que aquela união traria em meu benefício — e de que formas o outro sairia beneficiado. Mais do que uma chance por novidade, meus casos soaram mais como prazer carnal, envolto em reservas.

Talvez seja isso que signifique ter maturidade, e eu, hoje, apenas seja mais cuidadosa antes de entregar meu coração — e ainda só não tenha encontrado a quem valha a pena oferecê-lo. Como eu mesma registrei, não precisei de muito tempo para entender que minha paixão por Alain se tratou muito mais do anseio de uma garota querendo ser amada do que de um amor cósmico.

Mas, ao mesmo tempo, nós dois fomos os únicos a viver aquela relação. Ninguém além de nós sentiu a força com que nos conectamos — e eu sei que foi recíproco.

Voltei a abrir o diário até chegar ao trecho que queria, escrito depois de nosso encontro:

“Quero registrar tudo desde o começo, para poder voltar aqui no futuro e ter certeza de que, sim, foi tão incrível quanto me lembro.”

Foi por isso que eu pegara o diário, depois de tanto tempo. Eu precisava voltar a entrar em contato com os sentimentos que tranquei lá dentro de mim antes de descobrir o que havia no *pen drive* que Alain me enviou.

É claro que acompanhávamos a vida um do outro, lendo as notícias aqui e ali quando eram divulgadas. Porém, por melhor que sua carreira e a minha estejam, nós não voltamos a ter contato. Em duas ou três ocasiões, nos esbarramos em eventos e premiações, trocando um cumprimento de educação. Mas nunca fomos além disso, e tanto meu pai — com quem hoje tenho um bom contato, livre das mágoas do passado, ainda que com um distanciamento saudável que não o permite se envolver em meus projetos —

quanto Cris fazem o possível para evitar nossa aproximação, especialmente na mídia — que não demorou muito a esquecer nosso caso, como costuma ser.

Eu não sei se ele foi capaz de me perdoar por ter me aproveitado dos seus sentimentos, e eu não poderia me desculpar sabendo que não me arrependo das minhas escolhas — ainda que sinta por ter precisado ser assim. O tempo foi passando e, com ele, foi parecendo cada vez mais sem sentido tocar em um assunto tão delicado para os dois. Foi mais fácil assim.

Dessa maneira, foi uma surpresa encontrar o envelope aguardando em cima da minha mesa. Alain poderia ter me enviado aquilo, seja o que fosse, por e-mail, mas fez questão de me mandar o dispositivo. Fiquei espantada como mesmo após tantos anos eu me sentia capaz de entender suas atitudes sem que ele me explicasse: eu poderia apostar que ele fizera aquilo para que eu sentisse em minhas mãos algo que ele havia também manuseado. Era a forma dele se fazer presente; um e-mail não poderia materializá-lo ali como aquele *pen drive* fazia.

Junto dele, um bilhete escrito à mão, acima de um número de telefone:

“Sem você, ela nunca será a mesma coisa.”

Com o sangue sendo bombeado com intensidade pelas minhas veias, peguei meu notebook.

Ao abrir a pasta do disco externo, um único arquivo de música.

Reconheci a melodia na mesma hora e, por trás dos acordes que jamais fui capaz de esquecer, ouvi Alain me dizendo que ele também não conseguira apagá-la de si.

Por melhor que fosse a gravação, eu sabia que ela era amadora, feita, no máximo, no estúdio que ele certamente também tinha em casa. Eu tive certeza de que mais ninguém, além de nós dois, conhecia aquela música, composta tantos anos antes entre nossas chamadas de vídeo.

O som do violão me trouxe a imagem dos dedos de Alain pelas cordas, concentrado na tarefa de extrair do instrumento seu melhor tom. É claro que ele era mais do que capaz da tarefa, mas ainda não ouvi algo mais bonito do que a melodia produzida por suas cordas vocais — e quando Alain começou a cantar na gravação, só me fez reforçar essa certeza.

Um arrepio frio percorreu minha pele, ainda que nenhuma brisa estivesse entrando pelas janelas. Uma a uma, senti as células do meu corpo despertarem, libertando uma emoção aprisionada em meu peito por tempo

demais.

Porém, faltava algo naquela música.

Quando a compusemos, criamos os acordes para violão e piano.

Ele só gravara os primeiros, assim como apenas os trechos cantados por ele, deixando espaços na canção onde deveriam ter outros versos.

O que faltava era eu.

Alain havia me enviado uma mensagem.

Talvez os erros do passado fossem superáveis.

Talvez houvesse a possibilidade de um futuro.

Talvez “maturidade” também significasse ser capaz de reconhecer o que deve ser deixado para trás em nome da felicidade.

Escrevi em meu celular uma mensagem e enviei para o número que Alain colocara no bilhete:

Acho que chegou a hora dessa canção conhecer o mundo, não?

Naquela noite, a nossa música me contou uma nova história.

Uma que plantava a esperança de um recomeço.

Nosso mundo^[2]

Composição e interpretação: Yasmin e Alain

Existe um mundo
Mais belo do que você imagina
Você pode enxergá-lo
Se tirar os óculos que lhe deram

Eu posso te mostrar
Esse mundo de sonhos
É só aceitar
Conhecê-lo comigo

Você me prometeu um mundo perfeito
Que eu não sabia que existia
Mas agora que eu sei, eu posso dizer
Esse mundo é nosso
(Um mundo seu e meu)

Não há lugares mais lindos
Nem sentimentos mais sinceros
Aqui, nós dois podemos tudo
Pintar o céu com as cores que quisermos

Do nosso mundo
Não quero voltar
No nosso mundo
Feito para amar

Nosso mundo (e de mais ninguém)
Feito por nós (somente nós)
Só seu e meu^[3]

Sobre a autora



© [Ingrid Benício](#)

Aione Simões é libriana, nascida em São Paulo e mogiana de coração. Conhecida por Mi, A, Iô, One ou qualquer outra coisa certamente mais fácil do que seu nome, precisa de chocolates para viver tanto quanto da leitura e da escrita. Por isso, depois de se formar em Nutrição pela USP, retornou à universidade para se graduar em Letras e fazer dos livros a sua vida. É a fundadora do blog e canal no YouTube [Minha Vida Literária](#), além de

autora da antologia de contos [*Vidas na noite*](#) e do romance [*Escrito nas estrelas?*](#). Participou também da antologia [*Então vem, dia dos namorados*](#), publicada pela editora P.S.:

Onde encontrá-la:

[Site Oficial](#) | [Instagram](#) | [Twitter](#) | [YouTube](#)

FEMME FATALE

A antologia “Femme Fatale” reúne doze autoras nacionais para releitura de grandes heroínas de contos de fadas como protagonistas fortes e independentes.

Outros contos da antologia:



[1] Referência aos versos de “A Whole New World”, da trilha sonora de Aladdin: *I'm like a shooting star/I've come so far/I can't go back to where I used to be.*

[2] Baseada na letra de “Um mundo ideal”.

[3] Versos originais finais de “Um mundo ideal”.